

BLIMUNDA



FUTEBOL

POLÍTICA, CULTURA, IMPRENSA, LITERATURA

LIVRO INFANTIL E PROMOÇÃO DA LEITURA
IRMÃOS GRIMM EM LISBOA E ILUSTRADOR EM VALLADOLID

SARAMAGUIANA

VAMOS LÁ FALAR DE FUTEBOL E CADERNO DE VIAGEM A LANZAROTE



BLIMUNDA

#1 JULHO 2012

Diretor: Sérgio Machado Letria
Edição/Redação: Andreia Brites, Sara Figueiredo Costa
Paginação: Fundação José Saramago
Paginado com iBooks Author/Apple

Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org
<http://www.josesaramago.org>
N.º registo na ERC - 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos ao abrigo
da Licença Creative Commons

Blimunda # 2

O segundo número da revista *Blimunda* coincide com o mês em que terminou mais um Europeu de Futebol. Atenta ao que a rodeia, a *Blimunda* não poderia deixar de abordar este tema, não de um ponto de vista desportivo mas sim analisando a forma como o futebol, esse fenómeno de massas, afeta a sociedade, condiciona resultados políticos ou é tratado pela literatura. Tudo isto se pôde confirmar este ano nos jogos que opuseram equipas como a Alemanha a outras como Portugal, Espanha ou Grécia, momentos que significaram mais do que simples jogos de futebol, momentos que motivaram inúmeras discussões políticas, económicas e sociais. Ainda no dossier sobre este tema, a *Blimunda* recupera um texto de Fernando Assis Pacheco e outro do colombiano Jairo Aníbal Niño, aqui em formato de som, mostrando que muitas das nossas mais fortes memórias caminham para a par com a bola, de pano ou de pele, jogada na rua ou no campo de futebol da nossa imaginação. A secção Saramaguiana recupera uma entrevista de José Saramago dada à revista *A Bola Magazine* no ano de 1998. *Vamos falar de futebol* é o título do conjunto de respostas em que José Saramago aborda temas que partem do futebol e do desporto em geral e que passam pelo Iberismo ou pela luta dos mais fracos contra os mais fortes.

O segundo número da revista *Blimunda* chega aos seus leitores poucos dias depois de se ter assinalado o primeiro mês de abertura ao público da sede da Fundação na Casa dos Bicos. Ao longo destes trinta dias, mais de 10.800 pessoas já visitaram este espaço que, desta forma, vai cumprindo um dos objectivos que presidiu à sua abertura, o de devolver à cidade um espaço que em mais de quatro séculos de vida só agora passa a estar aberto de forma permanente. A Fundação José Saramago, cumprindo o que ficou estabelecido, deu-lhe conteúdo, tornou-a habitada pelo espólio, pelo espírito de Saramago. Passada a avalanche de visitas nos primeiros dias, a Casa pode agora ser visitada de forma mais tranquila, permitindo um contacto mais próximo com a profundidade da exposição *José Saramago. A semente e os frutos* ou com a coleção de 1.ªs edições das obras de José Saramago em traduções de todo o mundo. E como a Casa se quer viva e vivida, já a 10 de agosto a Fundação organiza uma homenagem a Jorge Amado, pela passagem do centenário do seu nascimento. Num dia que se quer de festa, estará presente a Baía que foi sua, como presentes estarão também os seus textos, os seus livros e a música que a partir deles se criou. Fica, portanto, o convite.

Sérgio Machado Letria

Leituras do mês

Jornal *Próximo Futuro/Next Future*
(Fundação Calouste Gulbenkian)



O jornal que acompanhou a mais recente edição do *Próximo Futuro/Next Future*, que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, está disponível em PDF, disponibilizando textos, portfolios e vários contributos para o debate e a reflexão em torno dos movimentos que têm agitado o mundo árabe, tema do encontro deste ano. António Pinto Ribeiro, Wassyla Tamzali escrevem sobre a primavera Árabe, Maria Carneira da Silva e António Costa Silva assinam reflexões sobre o modo como vemos o dito mundo árabe e sobre as relações entre Portugal e esse mundo, Nawel Skandrani aborda a dança contemporânea tunisina e Khalil Nemmaoui apresenta uma série de fotografias intitulada “L'arbre de la maison”. A programação do encontro e as notas biográficas dos participantes compõem a segunda parte do jornal. Quem não pôde presenciar o encontro pode agora ler e guardar os textos e as imagens que acompanharam o debate sobre a primavera Árabe, os seus antecedentes possíveis e os efeitos que provocou no mundo árabe e nos que, de fora, olham para esse mundo.

<http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt/jornal>

*m*B*rasil*
lit

Movimento por um Brasil Literário

“O Instituto C&A, se somando às proposições da Associação Casa Azul – organizadora da Festa Literária Internacional de Paraty –, à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, ao Instituto Ecofuturo e ao Centro de Cultura Luiz Freire, manifesta sua intenção de concorrer para fazer do País uma sociedade leitora.” Assim começa o Manifesto Por Um Brasil Literário, movimento em construção que pretende juntar organizações, leitores, escritores e mediadores no sentido de levar a leitura literária a todos os espaços possíveis. O movimento tem participado ativamente em mesas redondas e festivais literários um pouco por todo o país, do Salão FNLIJ do Livro Para Crianças e Jovens à Festa Literária Internacional de Paraty, e reúne, no seu site, os contributos de todos quantos se têm envolvido nas suas causas.

<http://www.brasilliterario.org.br/>

Pessoa Plural (Revista de Estudos Pessoaanos)

Pessoa Plural é uma revista académica internacional, dedicada a estudos sobre Fernando Pessoa, editada pelo Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros de Brown, pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de Utrecht e pelo Departamento de Humanidades e Literatura da Universidad de los Andes. Com edição de Onésimo Almeida, Paulo de Medeiros e Jerónimo Pizarro, o pri-

meiro número de Pessoa Plural inclui textos de Fabrizio Boscaglia, Claudia J. Fischer e Ana de Bastos, entre outros contributos, para além de estudos sobre documentos relacionados com a obra pessoana, como “Sobre a primeira *gazetilha* de Álvaro de Campos”, de Jeronimo Pizarro, “Rebelo de Bettencourt e Fernando Pessoa: Dois poemas publicados no *Diário dos Açores*, de Vasco Rosa, ou “Fernando Pessoa and Aleister Crowley: New discoveries and a new analysis of the documents in the Gerald Yorke Collection”, de Marco Pasi e Patricio Ferrari. A revista é gratuita e pode ser descarregada em PDF.

Pessoa Plural

http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/index.html

Manuel Rodríguez Rivero, “Nuevo elogio de las librerías”, *Babelia/El País*

Na sua habitual coluna do suplemento *Babelia*, 'Sillón de Orejas', Manuel Rodríguez Rivera reflete sobre o estado atual das livrarias num mercado editorial onde continuam a editar-se demasiado títulos e onde cada vez menos pessoas têm dinheiro para gastar em livros. O exemplo das livrarias Bajo el Volcán e Burma, no bairro de Lavapiés, em Madrid, confirma que o modelo de negócio que implica receber todas as novidades produzidas pelo mercado e tentar vendê-las rapidamente, antes que novas novidades venham substituí-las a um ritmo diário, não é o que melhor se sustenta em tempos de crise. Se é certo que as livrarias independentes enfrentam enormes dificuldades, sobretudo porque não têm como competir ombro

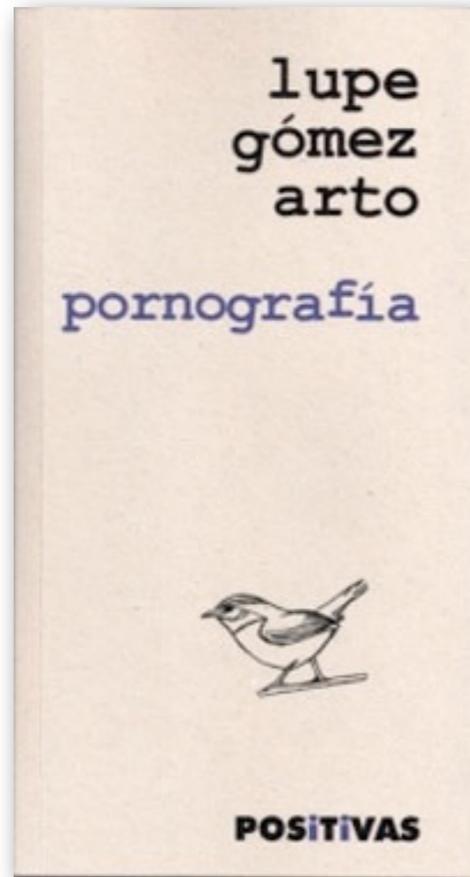
a ombro com as grandes cadeias livreiras e com as margens exigidas pelos grupos editoriais, não é menos certo que já gostava de livros antes de o mercado se tornar descontrolado e quem não precisa de entrar numa livraria e encontrar fundos editoriais, em vez de dezenas de novidades com prazo de validade, continua a preferir uma pequena livraria. Se isso bastará para que pelo menos algumas livrarias independentes sobrevivam à crise, só os próximos anos o dirão.

http://cultura.elpais.com/cultura/2012/06/26/actualidad/1340710103_211013.html



Livraria Burma

Lupe Gómez Arto, *Pornografía*
Edicións Positivas



Quando *Pornografía* foi publicado pela primeira vez, em 1995, tornou-se num daqueles gestos que marcam um antes e um depois. Não de um modo espalhafatoso, entre operações de marketing e muitas páginas duplas nos suplementos culturais, mas antes paulatinamente, afirmando-se como uma obra impossível de ignorar para todos quantos escreveram poesia em galego após a saída do livro de estreia de Lupe Gómez Arto.

Na gramática de *Pornografía*, os poemas curtos encenam uma ilusão perante os gestos de todos os dias, afirmando-a como contraponto num equilíbrio que tem a sua expressão máxima na

dureza de certos versos e no contraste que essa dureza atinge perante fragilidades súbitas, muitas vezes assumidas coletivamente:

“Galiza non son
imaxes. Son
restos”
(p.45)

Essa afirmação de uma voz individual que não abdica de inscrever a sua linguagem numa certa visão coletiva, por vezes estilhaçando lugares-comuns que alguma poesia galega vinha transportando há várias décadas (entre metáforas nacionais e pequenos apontamentos rústicos, tidos como “típicos”), fez de *Pornografía* um marco geo-

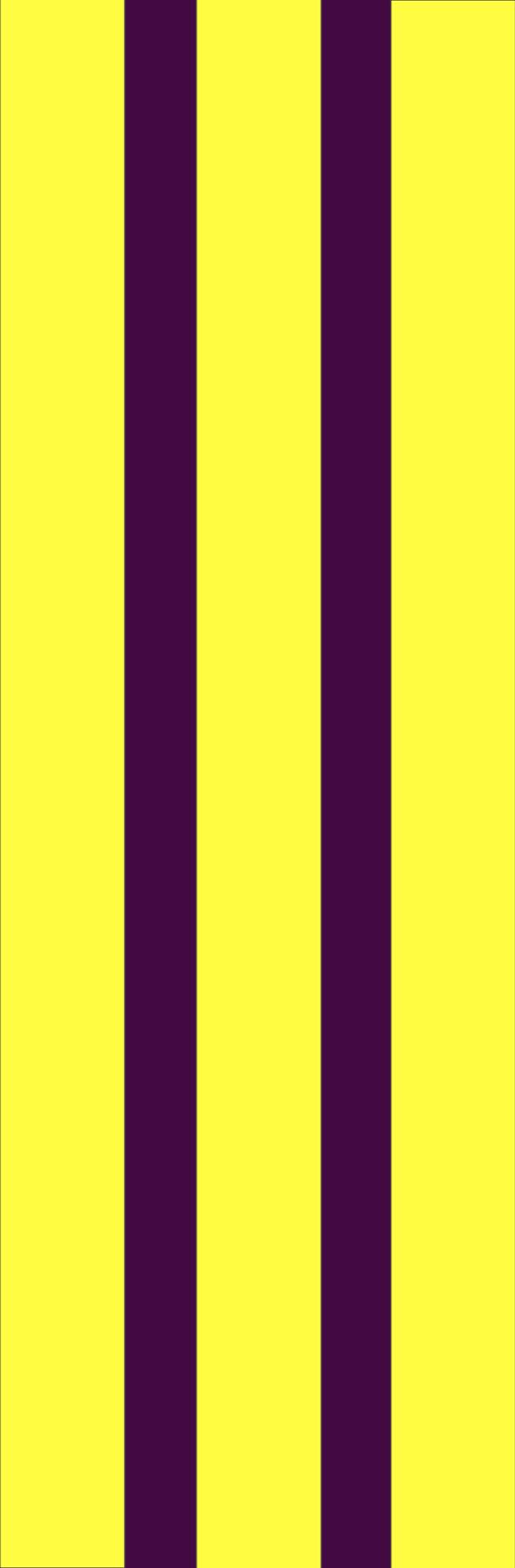
désico da poesia contemporânea galega. Quem não foi a tempo de encontrar a primeira edição pode agora corrigir a falha com as Edicións Positivas a sua bela coleção Di-Versos.

Sara Figueiredo Costa

Monecas “Nansi” Loiras

Nunca houbo montañas
nas miñas monecas.
Eran totalmente planas
e azuis e eu poñíalles
vestidos para adornalas,
para rirme delas,
disfrazar as miñas bágoas,
saltar sobre a cociña
con catro pés. Soñaba
con ter moitas caras
e deixar de ser lista.

(p.31)



Futebol

Política, cultura, imprensa, literatura
- tudo o que cabe nos noventa
minutos de um jogo.

Fernando Assis Pacheco
e Aníbal Jairo Niño

Para além das quatro linhas

Ponderando tudo o que se conhece sobre a humanidade, a ideia de alguns teóricos sobre um certo atavismo no processo de se jogar com uma bola, interagindo com uma ou mais pessoas, parece um lugar-comum. Nesse sentido, o debate sobre o génesis futebolístico tem tanto de empolgante como de desinteressante. Descobrir o momento exato em que várias pessoas se juntaram à volta de uma bola e decidiram chamar futebol ao jogo que praticavam pode ser um desafio, mas parece uma tarefa condenada ao fracasso, sobretudo quando olhamos para os muitos testemunhos, desde a mais longínqua antiguidade, que registam pessoas chutando bolas em alegre convívio. Será talvez por isso que os anúncios que as grandes marcas criam para os campeonatos continentais e mundiais se transformam em pequenos milagres de universalidade, permanecendo na memória visual coletiva muito para além do nome do produto que os originou. O trailer envolvendo uma bola que percorre o mundo rolando nos pés de pessoas de todas as origens, credos e condições sociais faz-nos sentir parte da espécie humana de um modo que o dia a dia nem sempre permite. Sabemos que a distância entre um habitante de bairro de lata e um proprietário de um duplex nova-iorquino dificilmente será ultrapassada por causa de um campeonato de futebol, mas resta-nos acreditar que, se os juntássemos sem nenhum outro contexto no mesmo campo, de relva ou terra batida, e se houvesse uma bola por perto, o mais certo era vermos a bola passando de um para outro.

Razões e devoções

Encerrado o campeonato Europeu de Futebol e a Copa Libertadores da América, o pódio da glória desportiva recebeu a seleção de Es-

panha e a equipa brasileira do Corinthians. Mas se o pódio não tem como acolher mais do que uma equipa no lugar cimeiro, já a glória desportiva é feita tanto das vitórias como das derrotas, juntando-se-lhe uma série de outros momentos, nem todos decorridos dentro das quatro linhas do campo, que transitam na memória dos que viveram, chegando à memória dos que apenas ouviram falar. É cedo, ainda, para saber que momentos perdurarão nessa memória a propósito dos dois campeonatos recentes mas, no que ao Europeu de 2012 diz respeito, talvez a imagem dos adeptos da seleção irlandesa torcendo freneticamente pela sua equipa apesar das três derrotas consecutivas e do afastamento garantido dos quartos de final do campeonato seja uma boa candidata à posteridade. O mesmo se pode arriscar relativamente à participação de Andrea Pirlo, o jogador italiano de trinta e três anos que jogou todos os jogos, final incluída, revelando a experiência e a sabedoria que só um jogador mais velho consegue aprofundar, mas com a jovialidade e a resistência que se associam aos mais novos – é bom frisar, sobretudo para os leitores menos dados ao visionamento de competições futebolísticas, que um jogador acima dos trinta anos costuma ser considerado 'velho'. Mas aqui, claro, já estamos no campo das preferências e não será estranho se alguém contrapuser à prestação de Pirlo a prestação de vários outros jogadores. Como sempre que se fala de futebol, são opiniões e é melhor deixá-las para as mesas do café.

Quando as opiniões futebolísticas são algo mais do que meras preferências, o futebol assume contornos que extravasam largamente as quatro linhas. Quem assistiu à final do Campeonato Espanhol de 2000, quando o Deportivo da Coruña derrotou o Espanyol por dois-zero sabe que o que muitos adeptos festejaram nas ruas galegas não foi apenas a vitória de uma equipa local, mas igualmente a vitória sobre uma equipa que, durante a ditadura, esteve muito associada ao poder de Franco, o mesmo Franco que proibiu o uso da língua



galega, bem como de todas as outras línguas faladas no território espanhol que não o castelhano. Que o Espanyol de hoje tenha recuperado o seu nome catalão, afastando-se da querela com o Barcelona no que à representatividade desportiva do nacionalismo catalão diz respeito, que o galego seja uma das línguas oficiais da Galiza e que Franco tenha morrido há quase quarenta anos são dados que não alteram as ligações emocionais e políticas que os adeptos foram construindo e nas quais se apoiam, mesmo que não em exclusividade, quando torcem pela sua equipa. E quem fala destes adeptos e do futebol espanhol poderia falar de várias outras situações, em

contextos geográficos e históricos muito diferentes, mas sempre partilhando contornos semelhantes.

Algumas leituras

Sobre a relação entre futebol e sentido de comunidade, e sobre futebol e nacionalismo, um volume de autoria coletiva intitulado *A Época do Futebol – O Jogo Visto pelas Ciências Sociais* (Assírio & Alvim, 2004) fornece reflexões preciosas para discutir e compreender o impacto do futebol no tecido social, no contexto histórico e na ideia de comunidade. Apesar da predominância de exemplos associados ao futebol português e à sua história, os vários autores que contribuem para o livro não deixam de recorrer a casos de estudo e bibliografia de outras latitudes, da América Latina aos países africanos, passando pela Europa de entre as duas guerras. Entre os comentários racistas dirigidos pelos adeptos neo-fascistas do norte de Itália à equipa do Nápoles onde jogou Diego Maradona, a recusa da seleção da URSS em jogar no mesmo estádio de Santiago do Chile onde Augusto Pinochet torturou e matou milhares de chilenos e as exigências de várias comunidades autónomas de Espanha relativamente à existência de seleções próprias, *A Época do Futebol* olha para o fenómeno social e cultural que é a quase unanimidade do chamado desporto rei com o auxílio das ferramentas utilizadas pelas ciências sociais, permitindo leituras nada superficiais sobre a questão desportiva e a sua relação com a sociedade.

No capítulo da literatura, a lista de escritores que incluíram o futebol nas suas obras seria suficiente para ocupar toda uma revista. Foi o que fez a brasileira *Bravo!*, em fevereiro do ano passado, num número especial editado pelo jornalista e escritor Marcelo Moutinho. Contos, poemas e crónicas de Nelson Rodrigues, João Cabral de Melo Neto, Luís Fernando Veríssimo ou Ferreira Gullar, para além de fotografias de antologia compõem a publicação. Como uma espécie

de extra, pelo menos para quem não imaginaria a relação entre Clarice Lispector e o futebol, uma crónica da autora publicada em 1968 (e disponível no volume *A Descoberta do Mundo*) que inclui este parágrafo: “Não, não imagine que vou dizer que futebol é um verdadeiro balé. Lembrou-me foi uma luta entre vida e morte, como de gladiadores. E eu – provavelmente coitada de novo – tinha a impressão de que a luta só não saía das regras do jogo e se tornava sangrenta porque um juiz vigiava, não deixava, e mandaria para fora de campo quem como eu faria, se jogasse (!). Bem, por mais amor que eu tivesse por futebol, jamais me ocorreria jogar... la preferir balé mesmo. Mas futebol parecer-se com balé? O futebol tem uma beleza própria de movimentos que não precisa de comparações.” Saindo da exclusividade do universo brasileiro, *Libro del Fútbol* (organização de Pablo Nacach, Editorial 452 Editores) compila textos de Mario Benedetti, Calderón de la Barca, Lewis Carroll, Camilo José Cela, Mario Cuenca Sandoval, Vladimir Nabokov, Osvaldo Soriano e Manuel Vázquez Montalbán, entre muitos outros.

Se, ainda assim, houver disponibilidade para discutir as origens do desporto que faz parar o mundo (ou, pelo menos, as televisões), *História Natural do Futebol*, de Álvaro Magalhães (Assírio & Alvim, 2004) traça um percurso possível do futebol desde os tempos mais remotos, quando ainda não se podia falar de futebol, por mais que muitas bolas rolassem no espaço disponível entre dois jogadores, até ao presente, entre claques, grandes estrelas e um fenómeno difícil de explicar racionalmente, por mais quadros teóricos de que nos socorramos.

Mas se o que se procura é um único livro, a prosa capaz de revelar conhecimento do tema e genialidade na sua apresentação ao mesmo tempo que transforma a devoção em razão, num passe de ilusionismo estilístico capaz de conquistar inclusive quem não gosta de futebol, então façamos como os adeptos mais emotivos e fiquemo-

nos por uma única recomendação: as crónicas de Nelson Rodrigues, reunidas em *À Sombra das Chuteiras Imortais* (Companhia das Letras).

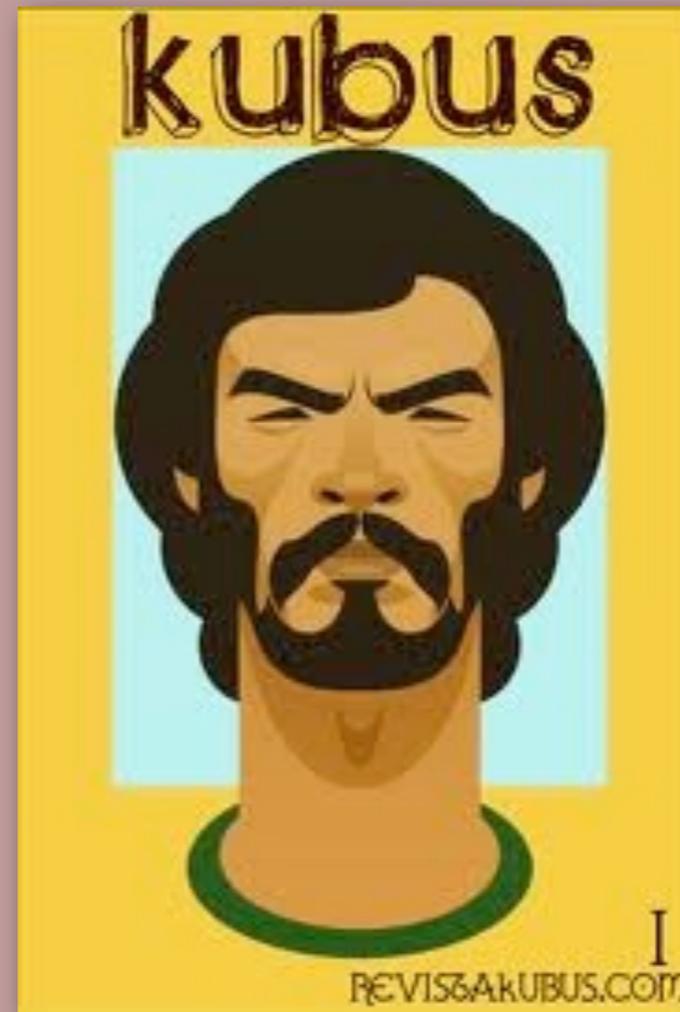
O caso galego: futebol longe dos holofotes



Na Galiza da década de 90 do século passado, o campo e as guitarras eléctricas cruzaram-se para não mais se separarem. O Bravú, assim se chamou o movimento que produziu bandas como os Diplomáticos do Monte Alto ou os Papaqueixos, levou o rock até às entranhas da vida rural e a música popular galega não voltou a ser a mes-

ma. Os mesmos Diplomáticos do Monte Alto que estiveram no vórtice do movimento gravaram, no seu penúltimo álbum de originais (Capetón, 1999), ma canção que ilustra bem como o futebol nunca deixou de ser um jogo capaz de fazer vibrar jogadores e assistência independentemente dos meios financeiros e dos palcos onde decorre, e não apenas um negócio de transmissões televisivas e transferências milionárias de jogadores entre clubes. “Lume de Biqueira” canta a emoção futebolística nos campos de terra batida onde uma baliza podem ser duas estacas espetadas no chão, longe da minúcia de condições que o futebol televisivo exige e mais longe ainda de um certo luxo que não deixa de saltar à vista perante 22 jogadores perfeitamente equipados, massajados, analisados e, sobretudo, profissionais. Os atletas por quem a canção torce, “paixón e avalanche, no ritmo da hinchada/comun o sentimento que se sente na bancada/nossa é a victoria dende que pitan o saque/ no fútbol e na vida xogamos ao ataque”, não fazem dos treinos e dos jogos a sua vida e dificilmente aparecerão na capa da imprensa desportiva. Para as dezenas ou centenas de adeptos que os acompanham quando entram nas quatro linhas, não há diferença. E desde que a imprensa desportiva galega passou a contar com a Kubus, até isso pode ter começado a mudar.

Anunciada como “a primeira revista do futebol e da sua história em língua galega”, a Kubus segue os ensinamentos de publicações como a So Foot (País de Gales), Un Caño (Argentina) ou 11 Freunde (Alemanha), tratando o futebol como tema vasto onde se cruzam o desporto e a cultura, a política e a história, a devoção irracional e as regras. Como explicam no editorial do projeto, os membros da redação da Kubus querem contar as histórias que gostava de ter ouvido quando eram pequenos. Talvez por isso nunca falte espaço para o que a memória futebolística guardou e até para o que corria o risco de não ser lembrado por muito mais tempo. No pri-



meiro número, a seleção brasileira de 1982 partilha as páginas com Ezio Vendrame, o jogador italiano que trocou as chuteiras pela escrita. Na edição mais recente, a terceira, a Kubus dedica quatro páginas ao grupo alemão Antidiskriminierungs Ag, uma organização que junta adeptos de futebol na luta contra o racismo, tema sempre atual nas competições futebolísticas (no Euro 2012 assistimos a várias cenas que o confirmam, com adeptos insultando alguns jogadores de modo muito explícito), e publica um artigo sobre os zapatistas e o futebol, ilustrado com fotografias tiradas no México e enriquecido por uma carta dirigida a Eduardo Galeano e assinado pelo próprio sub-comandante Marcos, líder do movimento zapatista. Desde a primeira edição foi claro que, para a Kubus e os seus leitores, o futebol não são vinte e dois atletas correndo atrás de uma bola. Com a continuação do projeto, disponível para leitura parcial no site <http://revistakubus.com>, confirmar-se-á que as muitas histórias do futebol ajudam a fazer o nosso retrato coletivo, independentemente da comunidade onde nos revemos ser um país, uma região, um bairro ou uma ideia.

Sara Figueiredo Costa

*Memórias de um Craque (I.º capítulo),
de Fernando Assis Pacheco*

Lido por Nuno Moura,
ed. Boca - palavras que alimentam



<http://www.boca.pt>

Disponível apenas na versão para iPad

*Chegou à aula num 15 de Maio,
de Jairo Aníbal Niño*

Lido por Changuito,
ed. Boca - palavras que alimentam



<http://www.boca.pt>

Disponível apenas na versão para iPad



Albino Forjaz Sampaio

***A Tipografia Portuguesa
no Século XVI***

Empresa Nacional de Publicidade

**Comprado na livraria Letra Livre
(Lisboa; 12,50 euros)**

Nem sempre os livros com várias décadas de vida se vendem nos alfarrabistas a preços proibitivos. Na livraria Letra Livre, em Lisboa, ao lado das novidades de editoras que raramente encontram espaço nos escaparates das grandes cadeias livreiras encontramos filas de estantes recheadas de preciosidades bibliográficas, muitas delas a um preço perfeitamente amigo das carteiras mais afetadas pela crise. E foi entre as prateleiras dedicadas à História do Livro e da Imprensa que se descobriu este pequeno volume sobre a tipografia portuguesa do século XVI, uma edição datada de 1932.

Da autoria de Albino Forjaz de Sampaio, que para além de escritor e ensaísta também foi diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa, *A Tipografia Portuguesa no Século XVI* reúne quarenta e oito exemplos de obras impressas neste século, das *Ordenações* do rei D. Manuel I a *Os Lusíadas*, passando pela *Compilação de todas as obras de Gil Vicente*, pela *Crónica do Condestabre de Portugal* ou pelas *Rimas* de Luís de Camões, acompanhados por texto trilingue (português,

francês e inglês) que descreve as práticas, os materiais e as características da arte de imprimir da época.

Inserido na Coleção de Vulgarização do *Diário de Notícias*, o pequeno livrinho de Forjaz Sampaio não desenvolve as informações que presta de um modo profundo, e nem outra coisa seria de esperar num espaço tão escasso e cujo objetivo era, de facto, apresentar uma breve panorâmica sobre um determinado tema. Apesar disso, a antologia de exemplos da tipografia do século XVI é reveladora das preferências dos impressores (e de quem lhes encomendava os trabalhos), bem como da riqueza de fontes, composições, frontispícios e gravuras que, não competindo com as grandes casas impressoras de outros países europeus, “não nos envergonhava”, como diz o próprio autor, na página 15. E quanto aos impressores, muitos deles de origem italiana, flamenga ou espanhola, Forjaz de Sampaio apresenta a lista dos nomes que a história registou, acrescentando notas biográficas mais desenvolvidas relativamente a alguns deles.

Depois de ler este *A Tipografia Portuguesa no Século XVI*, uma brevíssima introdução ao tema, talvez valha a pena avançar para um outro título não muito fácil de encontrar, mas que com sorte e persistência estará à espera de leitores em algum alfarrabista ou nalguma das livrarias de fundos que ainda sobrevivem: *A Divina Arte Negra e o Livro Português – Séculos XV e XVI*, de José Pacheco, uma edição da Vega. Não encontrando nenhum dos dois à venda, há sempre a hipótese das bibliotecas públicas.

Sara Figueiredo Costa

Projetos pelo mundo

Uma casa para o futuro

Em 1992 nascia a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, uma organização não governamental, cultural e filantrópica com sede em Nova Olinda, Ceará, no Brasil. O início deste projeto que hoje dinamiza uma série de atividades orientadas para a formação de crianças e jovens encontra-se no restauro da primeira Casa da Fazenda Tapera, hoje cidade de Nova Olinda, antigo ponto de passagem da estrada das boiadas que ligava o Cariri ao sertão dos Inhamuns durante o período da chamada civilização do couro, em finais do século XVII.

O trabalho da Fundação Casa Grande divide-se em quatro linhas programáticas fundamentais: Memória, Comunicação, Artes e Turismo. Com base neste programa, desenvolvem-se atividades de formação, workshops, atividades de complemento escolar e vários trabalhos que têm como linha comum o facto de as crianças e os jovens participarem na sua gestão, criação e execução. O presidente da Fundação, Francisco Aemberg Quindins, contou à *Blimunda* como surgiu este envolvimento das crianças com o trabalho desenvolvido, superando muito o simples usufruto das atividades programadas: “As crianças apareceram de uma forma espontânea, a Casa foi inaugurada em uma época do ano aonde elas estavam de férias e a procura de lugares na rua para brincar era grande, então elas descobriram o terreiro da Casa Grande e passaram a organizar o lugar onde iam se dar as brincadeiras; aí descobriram que dentro da casa tinha livros, instrumentos musicais e um museu...Então estenderam a gestão também para dentro da casa, dando origem gestores mirins da instituição.” Foi assim que a Fundação Casa Grande se transformou

num projeto pensado, gerido e diariamente posto em prática por crianças e jovens de várias idades, todos assumindo por vontade própria um conjunto de responsabilidades que não se encaram de ânimo leve. O museu, a biblioteca, as peças de teatro, os blogs associa-



dos ou a editora de banda desenhada, tudo passa pelo debate, pela responsabilidade e pela decisão das crianças envolvidas no processo. Não é difícil perceber que a experiência que estas crianças e estes jovens

têm tido na gestão e no envolvimento com as atividades da Fundação faz mais pelo seu desenvolvimento pessoal – e pelo desenvolvimento da comunidade onde vivem – do que mil páginas de conselhos pedagógicos sobre educação infantil, e tudo sem que haja imposições ou proibições sem motivo, o que é muito diferente de não haver responsabilidade.

A vertente da formação é um dos pilares estruturantes do trabalho da Fundação Casa Grande. Assumindo-se como um centro de formação global, a Fundação oferece formação em diversas áreas, do teatro à rádio, da escrita à dança, passando pela edição ou pela educação ambiental, sempre com a particularidade de envolver as crianças e os jovens que dominam melhor um determinado tema no processo de passar esse conhecimento para os outros. Como nos disse Francisco Aemberg Quindins, “a formação se dá através da qualidade de conteúdo, no acesso aos laboratórios de conteúdo e laboratórios de produção que tem no espaço físico.” Esses laboratórios in-

cluem a rádio, o laboratório de vídeo, uma editora, teatro, biblioteca, bedoteca, musicoteca e filmoteca, entre outros. Essencial é garantir que “nos laboratórios, há uma vivência em gestão e absorção de conteúdo e técnica de produção. Por exemplo, a meninada tem acesso a conteúdos literários, imagens e sons do mundo e produzem programas de qualificação para a comunidade através da rádio, de vídeos, banda desenhada e espetáculos. O sistema de aprendizado é repassado dos mais velhos para os mais novos...ao ensinar está também se aprendendo. Os mais velhos aprendem através de pesquisas individuais, enriquecidas pela passagens de profissionais voluntários que visitam a Fundação. O resultado desta formação está nos quatro pilares que norteiam o objetivo institucional: sustentabilidade financeira, educação infantil, profissionalização juvenil e geração de renda familiar.” Entre as muitas pessoas que já passaram pela Fundação, partilhando o seu saber e a sua técnica, estão a coreógrafa Pina Bausch, os músicos Arnaldo Antunes, Gilberto Gil ou Zeca Baleiro, o antigo futebolista Pelé, o cineasta Luís Carlos Barreto ou a fotógrafa Anna Mariani.

No que toca ao ponto da geração de renda familiar, um dos objetivos centrais desta organização, a Fundação Casa Grande tem dinamizado vários programas de turismo social de base comunitária, um modo de garantir sustentabilidade aos projetos e, ao mesmo tempo, de assegurar o envolvimento da comunidade e algum controle de ordem ambiental. “O turismo de base comunitária surgiu porquê as pessoas que vinham visitar a Casa Grande, gostavam e queriam passar mais dias convivendo com a experiência, então as crianças os levavam pra casa e as famílias os acolhiam, no final, essas pessoas queriam contribuir financeiramente com as famílias e os pais dos meninos se intimidavam em receber...então institucionalizamos os serviços através da criação de uma Cooperativa de turismo comunitário e juntos com os pais construímos pousadas, nos quin-

tais das casas, restaurante no espaço interno da Fundação e fábricas caseiras de produtos sobre a Casa Grande e uma lojinha de venda desses produtos. Hoje a Fundação recebe entre sessenta a setenta mil visitantes por ano e os jovens já estão criando suas empresas de produção de serviços.”

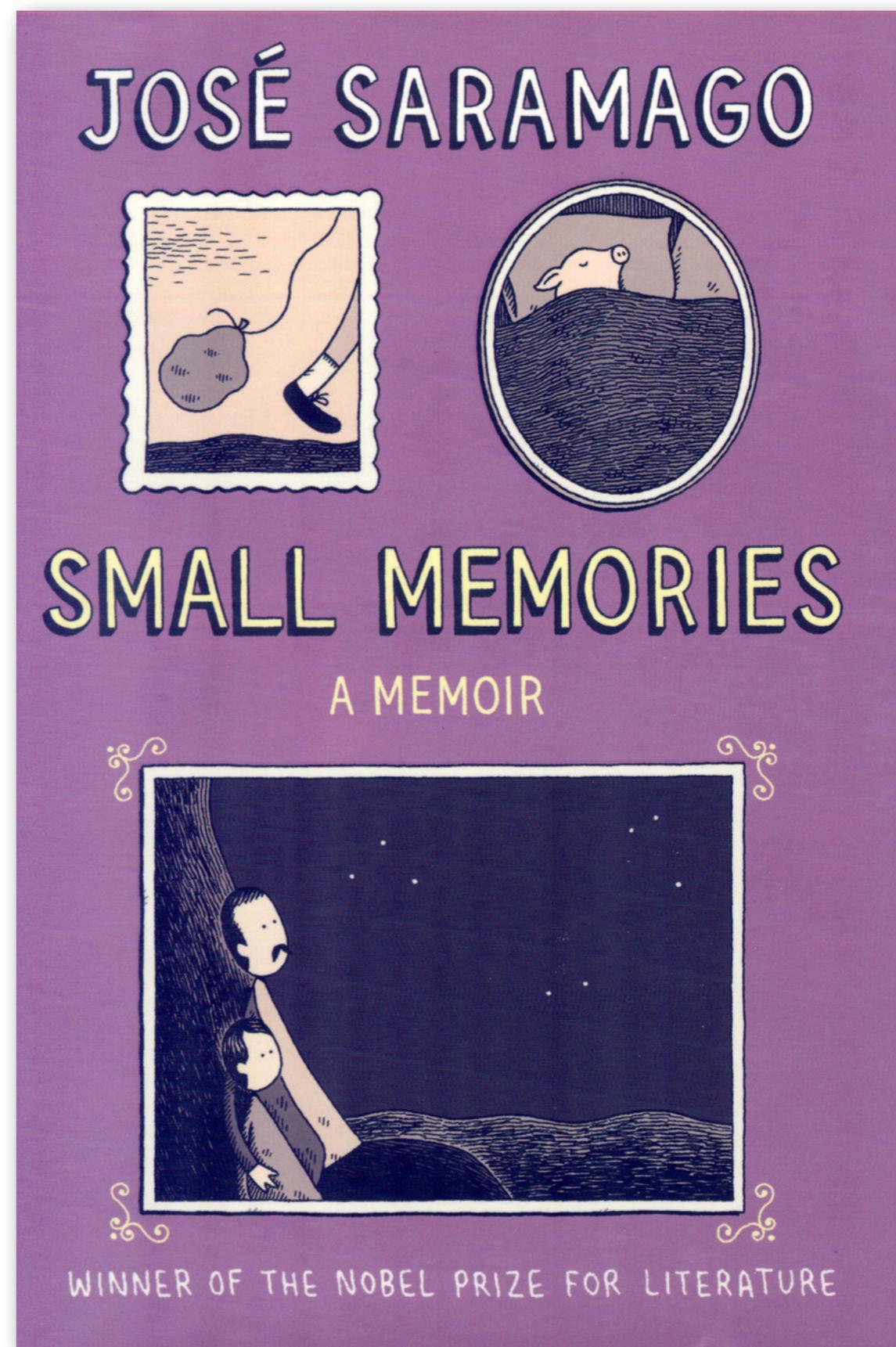
Quando se olha para o trabalho da Fundação Casa Grande torna-se claro que esta organização pretende contribuir para uma formação e um desenvolvimento de carácter humanista, dando às crianças que com ela trabalham ferramentas para se relacionarem com o mundo de um modo crítico e informado. Confirmando esta visão, Francisco Alembert Quindins conta à *Blimunda* uma história elucidativa: “Uma vez, uma das nossas crianças estava guiando um visitante a conhecer o museu arqueológico institucional (Memorial do Homem Kariri). O visitante perguntou à criança: 'você todos são crianças carentes?'; e a criança respondeu: 'nós todos somos carentes...carentes de alguma coisa, inclusive a senhora'. A Casa Grande, acredita que é pelo acesso a um conteúdo de qualidade que nos tornamos cidadãos do mundo. Precisamos trazer o mundo para nossa comunidade e precisamos levar nossa comunidade ao mundo pela linguagem da qualidade de conteúdo. Só assim não trataremos mais de riqueza e pobreza e sim de nobreza... o valor real que cada um tem pelo bem que quer dar para o desenvolvimento do outro. E seu entorno.” Não estamos, portanto, a falar de uma instituição de apoio a jovens que são entendidos pela própria organização que com eles quer trabalhar como sendo potencialmente carentes, ou em algum tipo de risco, mas de uma instituição que funciona na base do trabalho coletivo e em igualdade, bem como na ideia de contribuir para um mundo onde as pessoas se refletem nas suas ações, sempre com acesso ao conhecimento, à cultura, aos meios para intervirem criticamente no espaço e no tempo. Certo é que, nos últimos vinte anos, o Ceará não é mais o mesmo.

De relance

Se fosse possível encontrar casualmente a edição inglesa de *As Pequenas Memórias* (*Small Memories*), da Vintage, numa livraria e não reconhecer o título nem, sobretudo, o nome do autor do livro, não seria inesperado que a primeira relação estabelecida entre as várias informações disponíveis no cérebro deste hipotético frequentador de livrarias indicasse ser este um livro de banda desenhada. Não é apenas o facto de haver três vinhetas ilustradas na capa, mas igualmente a escolha de uma fonte que parece desenhada manualmente e, sobretudo, o efeito do conjunto, remetendo para o universo de uma certa banda desenhada de pendor autobiográfico, aquilo a que se tem chamado, sem grande rigor, *graphic novel* e cuja temática e modo expressivo andarão numa órbita onde se podem encontrar autores como Alison Bechdel, Seth ou Marjane Satrapi, apenas para citar três e situar o imaginário que uma capa tem potencial para convocar.

A relação não é disparatada, já que *As Pequenas Memórias* é, de facto, um livro de registo autobiográfico onde a infância, com o seu potencial de momento de enfrentamento e leitura do mundo, assume o espaço principal, algo que a maioria dos autores destas chamadas *graphic novels* de pendor autobiográfico tem exercitado em muitos dos seus livros. As semelhanças ficar-se-ão por aqui, mas é de relações como estas que se fazem as leituras da informação contida numa capa, elemento mais central para a unidade e a receção de um livro do que algumas operações de *marketing* editorial deixam entender.

Kris Potter, designer responsável por esta capa, explicou à *Blimunda* as suas escolhas no que respeita à hierarquia das informações apre-



sentadas: “Sendo este um livro autobiográfico, fazia sentido ter o nome do autor no topo da capa, já que esta era a informação mais importante para dar aos nossos leitores. Por outro lado, esse destaque também se harmonizava com o aspeto que definimos para as capas de Saramago na nossa editora.” O nome de José Saramago surge, então, no topo da capa, seguido de duas vinhetas apresentadas em molduras, algo que remete imediatamente para o álbum de família – e, logo, para a memória e os seus registos possíveis. Nessas duas pequenas molduras, uma retangular e outra oval, vemos um saco preso por um fio e uma perna, imagem fragmentária que tanto pode remeter para alguma brincadeira infantil como para o simples transporte de alguma coisa, e um porco dormindo numa cama, corpo tapado e cabeça na almofada, situação que pode parecer absurda se não se conhecerem os hábitos impostos pelas necessidades do campo, sobretudo numa época de condições agrestes, em que a presença dos animais junto dos homens garantia o calor necessário para atravessar noites gélidas quando não havia aquecedores nem dinheiro para lenha. Segue-se o título do livro, com o mesmo tipo de letra do nome, mas com um apontamento de cor muito leve que o destaca dos restantes elementos, o subtítulo, ainda em caixa alta, mas já com uma fonte mais simples, e uma outra vinheta, novamente apresentada numa moldura, cuja composição assume destaque no conjunto da capa. Aqui, vemos um adulto e uma criança apoiados naquilo que parece ser um tronco de árvore e a remissão para o jovem Saramago e o seu avô, figura essencial de *As Pequenas Memórias*, é imediata para quem conhecer, ainda que vagamente, a biografia do autor, deixando-se adivinhar, passo a passo, para todos os leitores que, não conhecendo essa biografia, avancem para a leitura do livro. “Os rostos das personagens nessa imagem principal da capa têm traços semelhantes, o que ilustra imediatamente, para o leitor, a ideia de relações familiares; por outro lado,

também podemos ver essas semelhanças como um indício da jornada do jovem Saramago ao longo do tempo”, explica Kris Potter.

A alternância entre todos estes elementos produz um efeito de leitura que assenta mais na interpretação de cada momento do que na apreensão geral e imediata da capa como um momento único de significação. Não quer isto dizer que não haja harmonia entre os diferentes elementos, das imagens à sua disposição, dos diferentes tipos e tamanhos de letra à conjugação das cores ou dos tons cromáticos. Essa harmonia é óbvia, mas a sua leitura não resulta de uma apreensão geral do todo, mas antes da alternância das suas partes, quase como se a primeira leitura a fazer na narrativa que se guarda nas páginas deste livro começasse, nesta edição, pela leitura sequencial desta alternância de elementos. O nome do autor não antecede o nome do livro, seguindo-se-lhe as duas vinhetas ainda com pouca informação, ou com informação muito parcial; só depois vem o título do livro, já indicando o tom do seu conteúdo, a que se segue a vinheta maior e com mais informação passível de ser lida e interpretada. A fechar, seguindo o sentido de leitura regulamentar numa capa, a referência ao *Novel da Literatura* com que José Saramago foi distinguido, uma informação relevante do ponto de vista editorial mas que, de certo modo, é acessória perante os sentidos de leitura construídos por Kris Potter neste jogo entre palavras e imagens que faz desta capa de *Small Memories* um exercício de leitura em harmonia com o que se lhe segue, já no miolo do livro.

Livro infantil e promoção da leitura

Neste mês, dois acontecimentos de luxo:
O Colóquio Internacional dedicado aos Irmãos Grimm e
a V edição da IlustraTour, em Valladolid

Os Irmãos Grimm: de heróis nacionais a (anti) heróis globais

Se os irmãos Grimm contribuíram decisivamente para a construção de uma identidade da cultura alemã, é certo que o seu legado não é unívoco, quer pela análise crítica que se tem vindo a construir em torno da sua obra, quer pela iconografia que lhes tem vindo a ser associada ao longo dos últimos dois séculos.

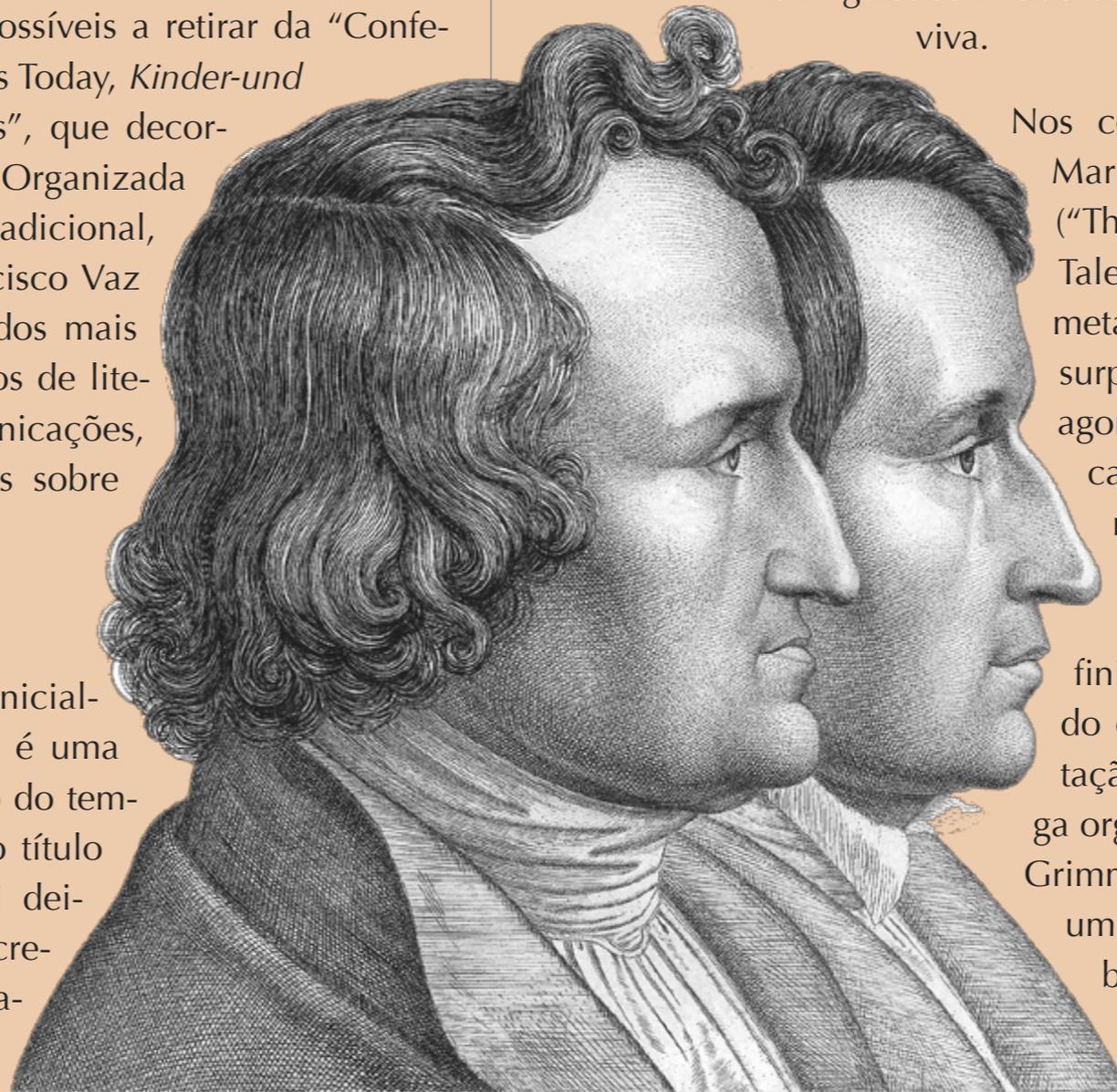
Esta será uma das muitas conclusões possíveis a retirar da “Conferência Internacional The Grimm Brothers Today, *Kinder-und Hausmärchen and its legacy, 200 Years*”, que decorreu em Lisboa entre 21 e 23 de junho. Organizada pelo Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, com a coordenação do professor Francisco Vaz da Silva, a conferência reuniu alguns dos mais importantes nomes mundiais dos estudos de literatura tradicional que, nas suas comunicações, apresentaram reflexões complementares sobre a obra e o legado dos irmãos Grimm.

O bom selvagem?

O conceito de selvagem, por exemplo, inicialmente associado à fixação dos contos, é uma marca transversal e persistente ao longo do tempo. Logo na primeira sessão plenária, o título da comunicação de Sadhana Naithani deixou-o bem claro: “A Wild Filology” descreveu a transformação operada pelo trabalho de investigação de Jacob Grimm

em torno da língua e da gramática alemã. Para isso analisou a oralidade empírica (que até então se situava fora do cânone) tal como o léxico das ciências naturais e do direito. Ao afirmar que “lei e poesia emergem da mesma cama”, Jacob Grimm defendeu o estudo da herança cultural, oral e histórica, independentemente da classe social ou da área semântica e considerando que existia nela uma organização oculta, uma beleza interior que estava ainda por descobrir.

A filologia selvagem incidia precisamente neste sentido orgânico e vivo, que levou Jacob a afastar-se da tradição greco-latina e do cânone linguístico fixado até então, ao encontro da língua viva.



Nos contos tradicionais, considerou Maria Tatar na sua intervenção (“The Call of the Wild: Why Fairy Tales Are Good to Think With”), a metamorfose acarreta um elemento surpresa que é desestabilizador. “E agora?” é a pergunta que Tatar coloca perante a situação de transformação radical, para em seguida afirmar que é a metamorfose a principal responsável pela indefinição da fronteira entre civilizado e selvagem. Na fixação e adaptação dos contos tradicionais, a carga orgânica, violenta e bestial que os Grimm impuseram aos textos, por um lado, e a reprodução de provérbios, rimas e expressões provenientes da Alemanha rural e das classes menos privilegiadas e

cultas, por outro, são os principais argumentos que justificam a sua condição selvagem.

Isto não tem, no entanto, um sentido pejorativo, sequer menorizante. Terá o sentido de natural em oposição à artificialidade do civilizado e enquadra-se, como outros princípios dos dois irmãos, na corrente romântica.

A evolução icónica dos Grimm

A primeira edição do primeiro volume dos *Contos da Infância e do Lar*, em 1812, foi muito discreta em número de exemplares. Apesar da popularidade que rapidamente alcançaram, especialmente junto de outros recoletores seus contemporâneos que passaram a seguir os seus critérios de fixação, a visão moderna e aberta da tradição não foi imediatamente bem querida por todos.

Todavia, o movimento romântico apropriou o trabalho e as ideias dos irmãos Grimm em defesa da identidade nacional tão difícil de encontrar num país permanentemente retalhado e reordenado geográfica e politicamente.

“The Brothers Grimm as Cultural Icons”, a comunicação de Donald Haase, traça as várias fases porque tem passado a imagem dos irmãos.

Com a Segunda Guerra Mundial, o elogio da identidade caiu em desgraça na Alemanha ocupada pelos Aliados, e as obras dos dois irmãos foram proibidas nas Bibliotecas germânicas. Na reconstrução, houve uma tentativa de reabilitar a identidade alemã através da imagem os Grimm, mas sem muito sucesso.

Efetivamente, por esta altura, as suas recolhas e o seu trabalho ensaístico começa a ser analisado criticamente, com conclusões menos

The Grimm Brothers Today
Kinder- und Hausmärchen and Its Legacy
200 Years After **OS IRMÃOS GRIMM HOJE**
Kinder- und Hausmärchen e a sua herança
200 anos depois

21 A 23 DE JUNHO
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas [UNL]
Fundação Calouste Gulbenkian

<http://grimm2012lisbon.ielt.org>
mais informações
e inscrição prévia **obrigatória**
através do email
grimm2012lisbon@gmail.com
as sessões serão todas em inglês

ORGANIZAÇÃO
IELT FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

APOIO
FCT
Embaixada da República Federal da Alemanha
Lisboa
FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN
FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA
AFI
Associação de Filólogos de Portugal e do Alentejo
CTEJO
CENTRO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO
TSF
TERTULHA SEMPRE
{BOCA}
INICIAÇÃO À LINGUAGEM

19

consensuais, nomeadamente no que concerne as intervenções morais e estilísticas dos autores nos textos.

Acontece então que, em paralelo, se dá um interesse académico crescente pela obra e uma apropriação da biografia e imagens dos autores, transformando-os em personagens. O fenómeno, que acontece tanto na Alemanha com, por exemplo Gunter Gräss, como nos E.U.A., começa a desviar a representação das pessoas daquela que os seus valores protagonizavam. À imagem de guias benevolentes e protetores que prevalecia desde o séc. XIX, responde agora uma outra, polémica por denunciar a rigidez da sua ideologia, a discriminação da mulher e a violência familiar.

Peter Straub também demoniza os Grimm, associando metaforicamente o papel de coletor ao de assassino, contribuindo para uma alteração de paradigma nos últimos quarenta anos.

Curiosamente, pressente-se agora uma outra viragem com o filme “Os Irmãos Grimm”: começa a haver uma nova mitologia da descendência, em que o nome significa poderes, heroísmo e missão. Os Grimm ressurgem como protetores à esfera global, como se pode constatar no livro *The Sister Grimm* de Michael Buckley. Mas não só, basta olhar para *O Último Grimm*, do escritor infantojuvenil Álvaro Magalhães (Asa) para rapidamente percebermos o potencial de heroísmo que estas novas personagens acumulam, precisamente pela sua ambivalência moral e pela sua longa tradição narrativa. Na era pós Grimm tudo começa (e se renova) outra vez.

O legado dos Grimm

Ao percorrer o programa da Conferência, salta à vista a imensidão de leituras que os Contos dos irmãos Grimm permitem, desde a análise da condição feminina à própria literatura de género, à intertextualidade com livros juvenis contemporâneos, passando por ques-

tões teóricas como a da receção, da tradução ou da antinomia entre autoria e domínio público.

Também as artes visuais merecem especial destaque, tendo em conta a multiplicidade de adaptações e recriações que os contos conheceram e continuarão a conhecer.

Certo é que o seu legado tem origem na forma inovadora como recolheram o património oral e escrito da tradição alemã, e não só.

Efetivamente, os Grimm tentaram registar não apenas a diversidade que o folclore e a tradição oral alemã acolhia, como os contos anteriormente registados, os considerados literários, e que podiam ter origens remotas em Aristófanes, por exemplo, e ainda contos de várias geografias que, por contágio, tinham chegado à Alemanha.

Christine Shojaei Kawan (“Once Two Brothers Had a Workshop...”) justifica ainda a singularidade do seu trabalho por uma mudança de conteúdos e pela incorporação nos textos de uma poética simultaneamente tradicional e moderna.

Na seleção apresentada, tentavam preservar-se as peculiaridades textuais que refletiam a vida dos locais e as suas tradições, mas a escolha da(s) variante(s) fazia-se não apenas de acordo com a tradição mas também com o público, a coesão textual e uma autoridade moral que os Grimm consideravam deter.

4

Por isso se denotam oscilações entre os textos, alguns dos quais excessivamente violentos, e outros que sofreram alterações simbólicas radicais (a mãe ou a madrasta), seja ao nível da etimologia dos nomes de personagens, seja a nível cromático (a troca do cabelo louro para cabelo negro da Branca de Neve), seja ainda a nível retórico, como é o caso da inclusão de provérbios, descrições ou comparações por Whilhem Grimm ao longo das várias edições da obra.

A originalidade e criatividade imprimida aos textos despoletaram uma ambivalência que os sustenta até hoje, mantendo a ausência de fronteiras temporais e espaciais por um lado, mas acrescentando uma complexidade da essência humana que deriva em grande parte da composição retórica da moral dos contos.

Há por isso uma tentação persistente em recriar o tradicional como exercício de autor, o que sendo perfeitamente enquadrável neste contexto, não deixa de ser profundamente paradoxal: como é possível que o poder da autoria se exerça a partir de uma obra de domínio público, com origens coletivas e ancestrais?

Para o futuro, um dos principais desafios que se lançaram na Conferência foi a necessidade de se estabelecer uma nova terminologia e uma nova gramática para o estudo dos contos tradicionais. Neste ponto se encontraram as comunicações de JoAnn Conrad e Vladimir Hafstein, comprovando a proliferação de diálogos que se alimentaram por estes dias em Lisboa.

Andreia Brites

Primeira edição portuguesa dos *Contos da Infância e do Lar*

No âmbito das comemorações do bicentenário da primeira edição dos Contos da Infância e do Lar, dos irmãos Grimm, Francisco Vaz da Silva coordenou cientificamente os três volumes da primeira edição portuguesa da obra.

Com a chancela da Temas e Debates - Círculo de Leitores, aqui se reúnem duzentos contos, dez lendas religiosas infantis, um apêndice com os vinte e oito contos que não foram incluídos na edição de 1856-57 e ainda um conjunto de seis fragmentos de contos. Para além da recolha, a tradutora Teresa Aica Bairos assina uma introdução esclarecedora, onde consta a circular que Jacob Grimm enviou para cerca de quatrocentas pessoas por toda a Alemanha, convidando-as a participar na recolha do património oral do país. Aqui se explicam os critérios que os irmãos Grimm delinearam: "(...) Acima de tudo, é importante que estes itens sejam coligidos com a maior exatidão e pormenor de boca dos informadores, de modo literal e fiel, sem retoques nem acrescentos e, sempre que possível, usando as suas próprias palavras." (p.16)

A introdução identifica ainda as alterações que Jacob e essencialmente Wilhelm Grimm operaram nas versões orais, desde a primeira edição. Isto significa que não foram apenas as críticas que condicionaram a retórica e até a construção narrativa dos textos, mas também a ideologia que presidiu a esta longa recolha. Desde a amenização de algumas situações de profunda violência familiar à omissão de alusões sexuais, que supostamente permitiria que as crianças pudessem ler a obra, à ampliação dos momentos descritivos ou dos



diálogos em discurso direto, por toda a composição se encontram as marcas dos autores, que começa logo na fixação do texto. “(...) os Grimm comparavam as versões disponíveis de cada conto entre si e com variantes literárias dos mesmos e, ou optavam por uma delas em virtude da sua alegada superioridade, relegando as restantes para as notas, ou combinavam elementos das várias versões para construir uma versão compósita, na sua perspectiva mais «fiel» à poesia natural da história e à riqueza da tradição de que ela fazia parte (...)” (p.23)

A fechar o terceiro volume, a edição disponibiliza ainda um conjunto de informação teórica, muito útil como enquadramento histórico.

Começa com testemunhos sobre a narração oral que se encontram em livros e publicações desde Aristófanos ao início do séc. XIX. Segue-se um capítulo dedicado a obras de autores precursores dos Grimm, como Straparolla, Basile ou Perrault. Finalmente, e antes da lista de títulos originais dos contos e das notas de tradução, consta uma longa exposição de Wilhelm Grimm, datada de 1850 e 1856, sobre os imitadores que seguiram os grandes autores e as versões que se foram fixando como originais e remontam a outros tempos e outras geografias. Grimm traça um panorama universal, que vai dos índios norte americanos aos mongóis e aos tibetanos, enfatizando a riqueza e relevância do estudo da tradição oral.

Existir uma edição como esta em Portugal permitirá finalmente que se comparem com ela as enésimas adaptações dos contos tradicionais e maravilhosos, muitas delas descuidadas, superficiais e padronizadas pela imagem que a Disney imprimiu a este universo. Será um salto qualitativo na exigência dos mediadores, e uma ajuda preciosa para os professores, em cujos programas de ensino constam contos dos Grimm.

AB

IlustraTour 2012.V Encontro internacional sobre Ilustração e Livros Ilustrados

Há cinco anos...

Às vezes oferece-se um livro a um amigo ou familiar com a esperança de que logo no-lo emprestem para o podermos ler. Com a IlustraTour passa-se um pouco o mesmo: é um trabalho – presente.

De ano para ano, trabalhamos durante meses num labor que abarca conteúdos muito diferentes e que tem algo de viciante: a organização de uma edição da IlustraTour melhor do que a anterior, com propostas profissionais, formativas e estéticas capazes de aportar um valor e uma qualidade mais para além do entretenimento. Mas, sobretudo e antes de mais nada, o que nos mantém focados neste festival é o contacto com a nossa comunidade. Uma comunidade de profissionais e amantes da ilustração infantil e do livro ilustrado que cresce a cada ano, formada por pessoas de todas as idades e procedências, unidas por um sentimento comum, que a A IlustraTour aglutina. O resto vem por acréscimo. O nosso trabalho consiste em organizar o encontro e o nosso presente ou recompensa é vê-lo a cada ano.

Mas voltemos ao início: A IlustraTour nasce em 2008 com a intenção de cobrir um vazio existente em Espanha no sector da ilustração de livros, onde o habitual é encontrarmo-nos com a solidão do criador e a falta de contacto entre os distintos agentes que intervêm na cadeia de criação do livro ilustrado, incluindo



ilustratOUR
Valladolid 2012

do os leitores. Nasce assim uma experiência pioneira em Espanha: um grande encontro internacional, com sede em Valladolid e celebrado anualmente. Nas suas edições têm colaborado ilustradores de prestígio, como Rebecca Dautremer, Jutta Bauer, Kveta Pacovska, Satoshi Kitamura, Tony Ross, Lisbeth Zwerger, Emilio Urberuaga ou Elena Odriozola, entre muitos outros. Ao longo destes anos, a IlustraTour evoluiu e cresceu em participação e actividades. Após cinco edições, converteu-se num espaço de referência para todos os que querem saber mais sobre esta paixão que nos move.

A ilustração infantil encontra cada vez mais canais de expressão mas resta ainda muito caminho por percorrer. Qual é a meta final? Que se publiquem mais e melhores livros ilustrados infantis, edições de qualidade que estimulem a leitura e a experiência estética; em definitivo, promover esta expressão artística singular como meio para educar e ampliar pontos de vista. Este caminho, que só se pode percorrer acompanhado, é o que nos motiva anualmente para continuar a tecer redes entre a comunidade de criadores, os profissionais, as instituições e a sociedade.

IlustraTour profissional: estamos de mudança

Na sua V edição, a IlustraTour Valladolid teve uma dimensão maior do que nas edições anteriores; esperamos, contudo, que menor do que nas próximas. É difícil resumir tudo o que acontece nos 15 dias de duração do Encontro: um programa de Oficinas para ilustradores, Jornadas profissionais, Exposições (que se prolongam até setembro), Concursos e uma nova secção: IlustraTour Familiar. E muito convívio. Com o apoio da Câmara de Valladolid, a IlustraTour acontece em distintas sedes por toda a cidade, que vão desde o Museu Patio Herreriano de Arte Contemporânea Espanhola até diferentes Centros Cívicos e colégios. Durante duas semanas, Valladolid converte-se em capital internacional de ilustração. Este ambiente de



Uma das sessões da IlustraTour

convívio é o que faz com que este encontro seja, muito mais do que um festival, uma celebração colectiva. E algo deve reter-se de isto: quase todos os que vêm, repetem.

Durante duas semanas celebram-se seis Oficinas de Ilustração no Museu Patio Herreriano, cada uma com uma semana de duração e de trabalho intensivo durante todo o dia. Com grupos reduzidos de 22 pessoas (oriundas de diversos pontos de Espanha e de diferentes países da Europa e América Latina), as oficinas põem em prática as diferentes propostas dos seus directores: este ano o britânico Alexis Deacon, os holandeses Sylvia van Ommen y Maurice van der Bij, o francês Benjamin Chaud, o mexicano Manuel Monroy e os espanhóis Javier Sáez Castán e Isidro Ferrer. No final do dia, os alunos continuam a sua convivência em algumas das actividades nocturnas: uma conferência, a inauguração de uma exposição, a apresen-

tação de um álbum... e por fim, não é raro que nos encontremos pela rua e continuemos a conversa jantando juntos umas tapas. Quando se partilham interesses, a conversa é interminável e pode sempre ser retomada.

Se no Museu Patio Herreriano o ambiente é de intenso e concentrado trabalho, de uma forma quase monástica, interrompido por vezes pelas gargalhadas e pelo ambiente divertido, nas Jornadas profissionais (que têm lugar durante o fim de semana) a atmosfera que se respira é a de um sector que se reúne para entrar em plena ebulição. As Jornadas da IlustraTour Valladolid atraem anualmente mais de 300 ilustradores, editores, críticos, livreiros, bibliotecários, educadores e centenas de pessoas apaixonadas pela arte da ilustração, pela literatura infantil e pela leitura. Nesta edição, o programa de conferências e encontros teve por título “Jornadas de Mudança” e desenrolou-se num novo espaço, o Laboratório das Artes de Vallado-



A ilustração no centro das atenções

lid (LAVA), de 7 a 9 de julho com a presença de figuras nacionais e internacionais da ilustração, editores e entidades como a Google Books e a Agência britânica de Ilustradores Plum Pudding.

Nesta “Mudança” particular, contámos com os melhores profissionais, os mesmos que nos acompanharam nas Oficinas do Museo Patio Herreriano. Tanto para os alunos das suas oficinas como para quem os vá ver pela primeira vez no LAVA, as Jornadas são uma oportunidade única para conhecer em primeira mão o trabalho destes excelentes ilustradores e descobrir os seus processos criativos, a sua evolução como artistas e o seu contributo para o universo infantil. Assim como para conhecer algumas das suas personagens, verdadeiros clássicos no mundo dos livros para crianças, como Pomelo, o elefante rosa, uma criação de Benjamin Chaud. Mark Mills, da agência britânica de ilustração Plum Pudding - com quem organizámos o concurso Plum Pudding -, ministrou duas aulas magistrais sobre como realizar um portfólio para dar-se a conhecer no mercado internacional. Luis Collado, director da Google Books Espanha, falou-nos de como a revolução tecnológica está a influenciar o mundo do livro. Daniel Monedero, que com uma mão escreve livros infantis e com a outra séries de televisão, abordou os novos suportes de criação e difusão, enquanto os elementos de DADA Company partilharam a sua passagem do livro ilustrado à aplicação interactiva. Nina Christensen, do Centro de Literatura Infantil da Universidade de Aarhus, na Dinamarca, e Luis Daniel González, ambos especialistas e investigadores em livro ilustrado, abordaram os diferentes conceitos de infância. Também esteve presente Eduardo Filipe, comissário e responsável pela Ilustrarte, Bienal Internacional de Ilustração para a Infância de Lisboa.

Houve lugar para apresentar a obra vencedora do Prémio Lazarillo para as melhores ilustrações infantis e juvenis, outorgado pelo Ministério da Cultura em 2011: *Hamelin*. Esta obra resultou de um pro-

cesso de criação gerada num dos ateliês da edição da IlustraTour 2008.

Outro dos convidados de luxo nas Jornadas foi Hervé Tullet, um dos mais inovadores criadores franceses para a infância que nos falou de “experimental, ou como crescer como criador”.

No âmbito das Jornadas IlustraTour Valladolid celebram-se as chamadas Mesas de Editores, o único espaço de *networking* que existe em Espanha entre ilustradores e editores, e que se realiza pelo terceiro ano consecutivo com o maior número de participantes de sempre (mais de 30 editores, mais de 150 proponentes, cerca de 500 encontros nos quais se mostrarão os novos projectos, que resultarão durante o ano em novos livros). As edições anteriores apresentaram um grande êxito quanto a resultados, já que se editou um grande número de projectos que foram apresentados neste fórum de encontros, para satisfação de criadores e editores.

As exposições da IlustraTour: do livro à parede

Na IlustraTour Valladolid 2012 queríamos que a nossa paixão pela ilustração fosse contagiosa. Por isso, decidimos aumentar o programa de Exposições até ao número de nove propostas, em diferentes espaços da cidade, que tratassem de mostrar diferentes leituras, linguagens, técnicas e narrações. Desde exposições colectivas internacionais, - de âmbito europeu e iberoamericano – até mostras de autores contemporâneos que se destacam pelo seu valor artístico, exposições temáticas em volta do significado do álbum ilustrado, e outras de carácter mais lúdico e participativo especialmente destinadas a famílias.

Los sueños de Helena de Isidro Ferrer estará no Museo Patio Herreriano de Arte Contemporáneo Español, onde se podem ver as obras originais do livro ilustrado com o mesmo título, baseadas em textos



Los sueños de Helena, de Isidro Ferrer

de Eduardo Galeano e editado pela Libros del Zorro Rojo.

No LAVA desembarcamos com duas exposições internacionais, cada uma originária de um continente: o *II Catálogo Iberoamericano de Ilustración*, uma iniciativa da Fundação SM que viaja pela primeira vez de México para Espanha com mais de 100 ilustrações originais de ilustradores de 9 países, e a exposição *An elephant came by. 24 Dutch Illustrators*, que conta com a colaboração do Netherlands Letterenfonds e da Embajada da Holanda, um panorama sobre a ilustração para crianças naquele país.

Após dois anos de viagem pela América Latina, chegamos à Sala Municipal da Casa Revilla com *Dibújame un Cuento*. Uma esplêndida mostra de obras originais de 15 ilustradores emblemáticos no panorama contemporâneo da ilustração infantil, incluindo vários Pré-

mios Nacionais de Ilustração, como Emilio Urberuaga, Javier Zabala, Elena Odriozola, Javier Serrano, Isidro Ferrer, Pablo Amargo, Jesús Gabán, entre outros. Será a única ocasião para ver esta exposição em Espanha.

Outro dos mais singulares criadores em Espanha, Javier Sáez Castán, mostra-nos as suas *Imágenes al por menor* na livraria Oletvm, uma visão particular sobre a sua obra de 2000 a 2010. *Historia en Historias* percorrerá vários Centros Cívicos de Valladolid convidando-nos a empreender uma viagem pelo universo da ilustração infantil na Roménia, através das obras originais de dez ilustradores emergentes nesse país. Também quisemos oferecer a exposição de um projecto singular, “Conducir es fácil”, de Fernando Pérez Hernando, que nos surpreende na sala de exposições da Cúpula del Milenio e que conta passo a passo o processo de criação de um livro que se agarra como um volante e que se lê como uma viagem.



Hervé Tullet

IlustraTour Familiar: fechando o círculo

Mas se levávamos já vários anos a falar de ilustração infantil, onde estavam as crianças? A grande novidade deste ano foi a IlustraTour Familiar, um fim de semana com mais de 50 actividades (ateliês, espectáculos, projecções, sessões de contos, marionetas...) para que todas as famílias, crianças e adultos, descobrissem e desfrutassem juntos da arte da ilustração e da magia da leitura, ao lado das mais de 30 editoras de livros ilustrados infantis que colaboraram nesta edição.

Os ilustradores ensinaram ao grande público como trabalham e como nascem livros geniais. Grandes e pequenos puderam explorar novas formas de ler e contar contos, e adultos e crianças partilharam esse espaço comum que lhes oferece a imaginação, a leitura e a criação. Nos dias 7 e 8 de julho, de manhã à noite, passaram pelo LAVA diferentes artistas nacionais e internacionais. Uma das estrelas foi novamente Hervé Tullet, conhecido como o “príncipe dos livros infantis” em França, que encorajou o público de todas as idades a pegar num pincel e a cobrir a parede e o chão com cores, toda uma intervenção artística colectiva que já realizara com sucesso em lugares como a Tate Modern em Londres.

Num dia da IlustraTour cabem muitos momentos. Tantos, que nos custou muito encontrar um espaço para nos sentarmos a escrever e a contá-la. Em apenas 24 horas passam-se tantas coisas que ao fim de dois dias pensas que se passaram algumas semanas. É recomendável rabiscar aquilo que nos inspira, transcrever ideias e reter imagens para podermos digerir *a posteriori* as emoções e tudo o que aprendemos nestes dias em que nos entregamos por completo à reflexão, à criação e, naturalmente, à diversão.

Quando acaba a IlustraTour podemos sentir-nos um pouco perdidos. Fomos atingidos por ideias e emoções, chega a altura de as digerirmos, mas sentimos um pequeno vazio. O nosso consolo é podermos dizer: “até para o ano”. Sejam todos bem-vindos.

Sabela Mendoza

Madrid, 13/07/12

*A equipa da IlustraTour 2012 foi composta por:
Nati Rodríguez, Rafa Vivas, Elisa Bravo, Sabela Mendoza, Quique Ciria, Silvia Carrasco, Paula Montes
...e por todos os que quiseram juntar-se a ela.*

Destaques

Flipinha e a Feira Literária Internacional de Paraty



A décima edição da Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) contou, como sempre, com uma vasta programação para a área infantil e juvenil. A Flipinha é a face visível de um projeto que nunca para, entre associações e escolas da comunidade local. Na FLIP encontram-se os resultados do trabalho de promoção de leitura, maioritariamente literária que os mediadores vão realizando com os seus grupos de crianças e jovens. A biblioteca da Flipinha foi visitada por milhares de crianças, não apenas para sessões de autógrafos com a vintena de autores de Literatura Infantojuvenil que estiveram presentes na feira, mas igualmente para ver os livros disponíveis.

A cada ano, tudo começa com a apresentação e distribuição junto dos professores do manual da Flipinha, onde se encontra uma lista de livros literários com algumas estratégias de abordagem com o público infantil e juvenil. Há também uma atenção especial ao autor homenageado. Este ano, muitas turmas dedicaram o seu esforço à obra de Carlos Drummond de Andrade, criando vídeos, dramatizações, leituras encenadas, teatro e exposições. Neste âmbito, algumas turmas visitaram a cidade Natal de Drummond, tendo em seguida sido anfitriãs de crianças de Itabira durante a FLIP.

A programação da tenda da Flipinha não para, intercalando as cirandas de autores com as apresentações dos vários grupos. Ao mesmo tempo, a praça recebe oficinas e oferece livros pendurados de árvores, à disposição de quem os queira ler. São Os Pés de Livros e contam com a presença de mediadores que convidam quem passa a ouvir uma história.

A Flipinha tem vindo a ser uma motivação para a promoção da leitura, pelo envolvimento de todos, que começa na formação contínua e professores e mediadores, no seu acompanhamento nas escolas, e na criação de bibliotecas. O facto de se poder abraçar anualmente um projeto leva a que todos sintam a feira literária como sua, como parte da sua identidade, e reconheçam uma razão de ser ao seu trabalho. Na apresentação do manual Flipinha 2012 a professora Flora Maria Sallles, diretora da Escola Municipal Parque da Mangueira, afirmou que "quando você fala em Paraty, hoje, todo o mundo lembra, além do centro histórico, das festas do divino... Fala, lá



tem uma festa literária. Então o próprio paratiense se reconhece como um cidadão onde tem uma festa literária muito importante e claro que ele não vai querer ficar de fora disso..."

No site da Flipinha, explica-se sucinta e objetivamente em que consiste o projeto ao longo do ano e durante a Feira, partilham-se depoimentos e apresentam-se resultados estatísticos. A Casa Azul, responsável pela organização da feira, é também a principal dinamizadora desta imensa rede, que conseguiu levar o livro literário a todos os que frequentam a escola e que transformará Paraty numa cidade leitora.

<http://www.flipinha.org.br/>

Maratona de Contos de Guadalajara



Organizada, desde 1992 pelo Seminário de Literatura Infantojuvenil, sediado na Biblioteca Pública do Estado de Guadalajara, a Maratona dos Contos tem vindo a destacar-se como a mais importante de todas as que se realizam na Europa. Este ano não foi exceção, e a cidade europeia da narração oral (com lugar no Guinness) contou e ouviu contar durante quarenta e seis horas ininterruptas, inclusive durante as já famosas madrugadas intimistas de contos, mantas e ceias a preceito.

A maratona decorreu entre os dias 15 e 17 de Junho e teve como tema Os Mistérios da Europa. Por isso, a cada hora em ponto (com

exceção para a madrugada) um contador de cada um dos trinta países convidados, contou um mistério do seu país.

No âmbito do tema, realizou-se também um seminário, entre os dias 14 e 17 onde estiveram representados especialistas, contadores e programadores de toda a União Europeia.

O núcleo central, como sempre acontece, foi o Palácio del Infanzado, mas o ambiente extrapolou por toda a urbe. Repetiu-se o Monu-Cuentos, uma rota que liga três monumentos na cidade onde se encontravam profissionais a contar.

Por iniciativa individual ou colectiva, todos colaboram, não apenas engalanando varandas, janelas e ruas, mas essencialmente contando, ouvindo e integrando outras actividades paralelas de danças de rua, magia, teatro, marionetas, que mobilizam as diversas associações locais durante todo o ano na conceção e montagem dos espetáculos e demonstrações.

Todos são bem vindos, profissionais e amadores. O funcionamento é simples: as pessoas inscrevem-se, indicando o conto, a hora e o local, a organização verifica se o horário e o espaço estão disponíveis e logo se acerta. A Maratona é de tal forma concorrida que as inscrições abriram, no site, muito antes do evento começar.

À Maratona e aos espetáculos de rua, juntaram-se outras iniciativas: uma maratona de ilustração, uma de fotografia e outra de rádio, todas dedicadas à narração oral, registando os momentos marcantes do certame. O ciclo de narradores inauditos e o XVI Festival de Narração Oral foram a cereja no topo do bolo, pela presença de grupos e narradores profissionais de vários países europeus.

Guadalajara recebeu pela primeira vez o apoio financeiro da EU no valor de 100.000 euros, destinado a festivais culturais. Foi o reco-

nhecimento justíssimo, depois de duas décadas a trabalhar para a preservação viva do património oral, despertando nas pessoas o prazer de ouvir contar. Se assim não fosse, a Maratona não teria conseguido sobreviver, não fora o envolvimento precioso dos inúmeros voluntários que têm, ano após ano, ajudado a erigir a cidade europeia da narração oral.

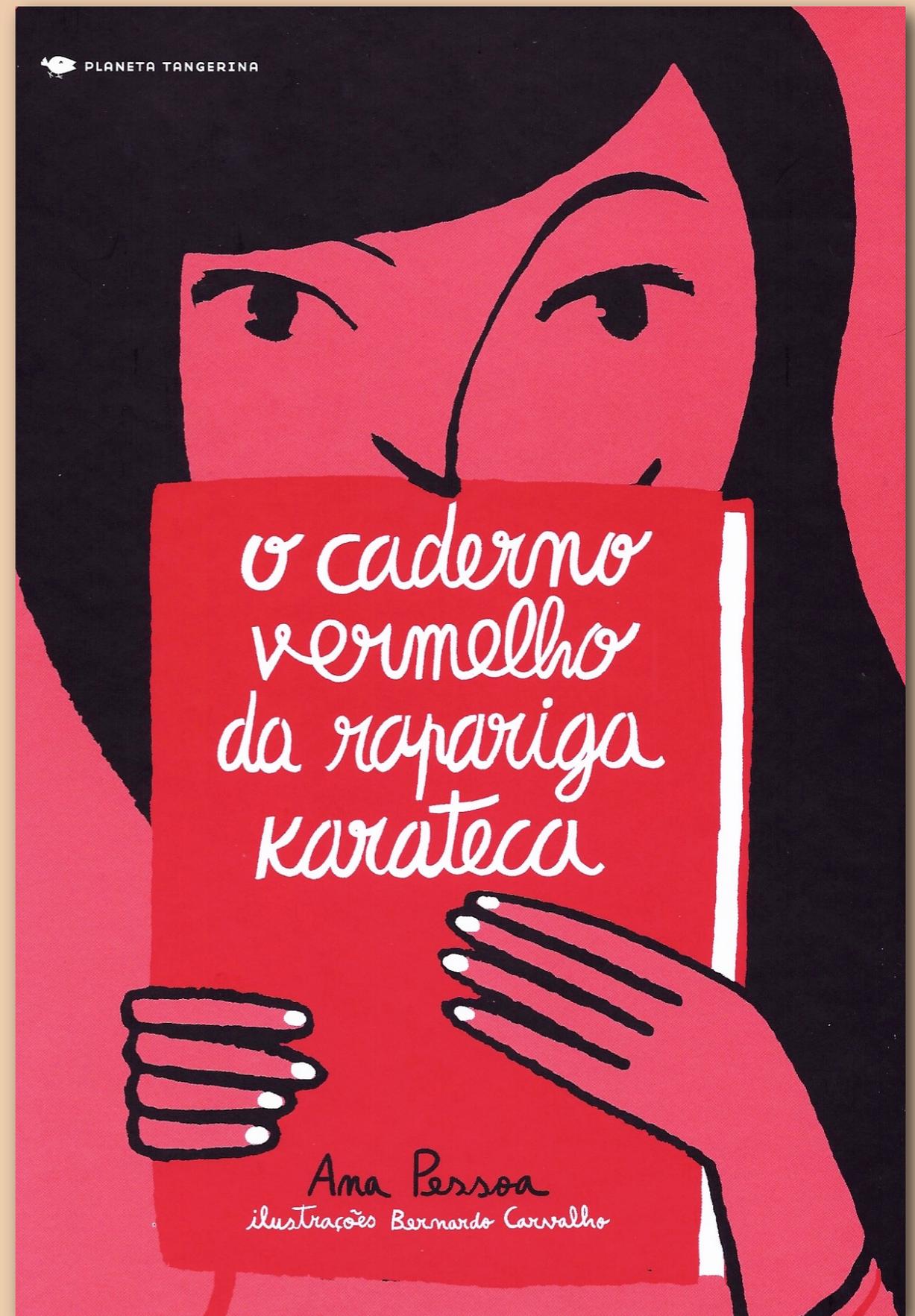
<http://www.maratondeloscuentos.org/spip/>

Dois passos, um salto e uma boa aterragem

O Planeta Tangerina, uma das melhores editoras portuguesas de álbuns de receção infantil, acaba de se estrear na publicação de livros juvenis.

Com *Dois Passos e Um Salto*, aposta num público mais velho e heterogéneo. «À distância de dois passos e um salto os leitores encontrarão diferentes histórias, temas e vozes: aventuras, viagens, diários, mistério, magia, histórias com final feliz e outras que farão os possíveis por isso...», assim se justifica o nome e se apresenta a coleção, que terá como elemento comum o facto de todos os livros serem ilustrados. À parte disso, o formato, o tipo de papel e de grafismo dependerá do texto. Diferentes géneros e abordagens, tudo caberá nesta coleção, desde que mantenha os níveis de qualidade a que os álbuns do Planeta habituaram os leitores. Não há limitações geográficas para escritores e ilustradores, tudo dependendo dos projetos que vão sendo, com o tempo, filtrados pela equipa editorial. A única será a do número de livros a editar por ano, que serão no máximo dois.

Os pressupostos que unem a coleção ao projeto editorial do Planeta Tangerina são ambiciosos. «Gostávamos que fosse a qualidade,



tanto a nível dos textos como das imagens. E também como nos álbuns, não cairmos na tentação de facilitar ou condescender, sendo exigentes com os leitores. Claro que os leitores adolescentes já não leem com os pais, já não se sentam ao colo da avó e isso pode constituir uma dificuldade. Porque, no caso dos álbuns e durante a infância, os adultos funcionam muitas vezes como mediadores, contagiando os mais novos com o seu entusiasmo. A ideia não é publicar livros “difíceis”, mas se acontecer haver páginas mais difíceis, capítulos mais exigentes, o leitor tem de ser forte, corajoso, a história

tem de ser suficientemente boa para o agarrar e fazer superar obstáculos. Acreditamos que há leitores adolescentes com esta força anímica!», afirma Isabel Minhós Martins.



A estreia não desilude. *O Caderno Vermelho da Rapariga Karateca* foi o texto vencedor da última edição do Prémio Branquinho da Fonseca – Expresso/ Gulbenkian, na modalidade juvenil. «Fiquei imediatamente agarrada ao título juvenil — “O Caderno Vermelho da Rapariga Karateca” é um bom título — e, depois do título, o texto agarrou-me, senti que havia ali uma qualidade pouco habitual e decidimos avançar com uma proposta.» À história de uma rapariga de quase quinze anos, que não gosta de ser romântica, está apaixonada por Raul, sonha em ser cinturão negro de karaté, e elege como objeto preferido um caderno vermelho especial onde escreve as suas grandes reflexões a par de histórias irónicas e levemente absurdas, juntam-se as ilustrações, maioritariamente a preto e branco, de Bernardo Carvalho. «O desafio num livro deste tipo é conseguir criar um ambiente que espelhe personagens e enredo, sem mostrar

tudo. Vemos a Ana (protagonista), a casa onde vive, mas há espaço para o leitor construir as suas próprias imagens à medida que vai lendo. Ao mesmo tempo, as imagens permitem um mergulho diferente por parte dos leitores, ao criarem uma atmosfera que também acaba por envolvê-los.», explica o ilustrador, que deu corpo a uma adolescente tipicamente contemporânea, urbana, que explora os conflitos típicos da adolescência com a mestria de um humor inteligente, sem as redundâncias superficiais a que muitas vezes são reduzidos os jovens.

Aguardam-se novos passos, e novos saltos.

<http://www.planetatangerina.com/pt>

<http://planeta-tangerina.blogspot.pt>

Saramaguiana

*Vamos lá falar de futebol,
entrevista de José Saramago
Caderno de viagem a Lanzarote,
por Francisca Cunha Rêgo*

Vamos lá falar de futebol

A Bola Magazine, novembro de 1998

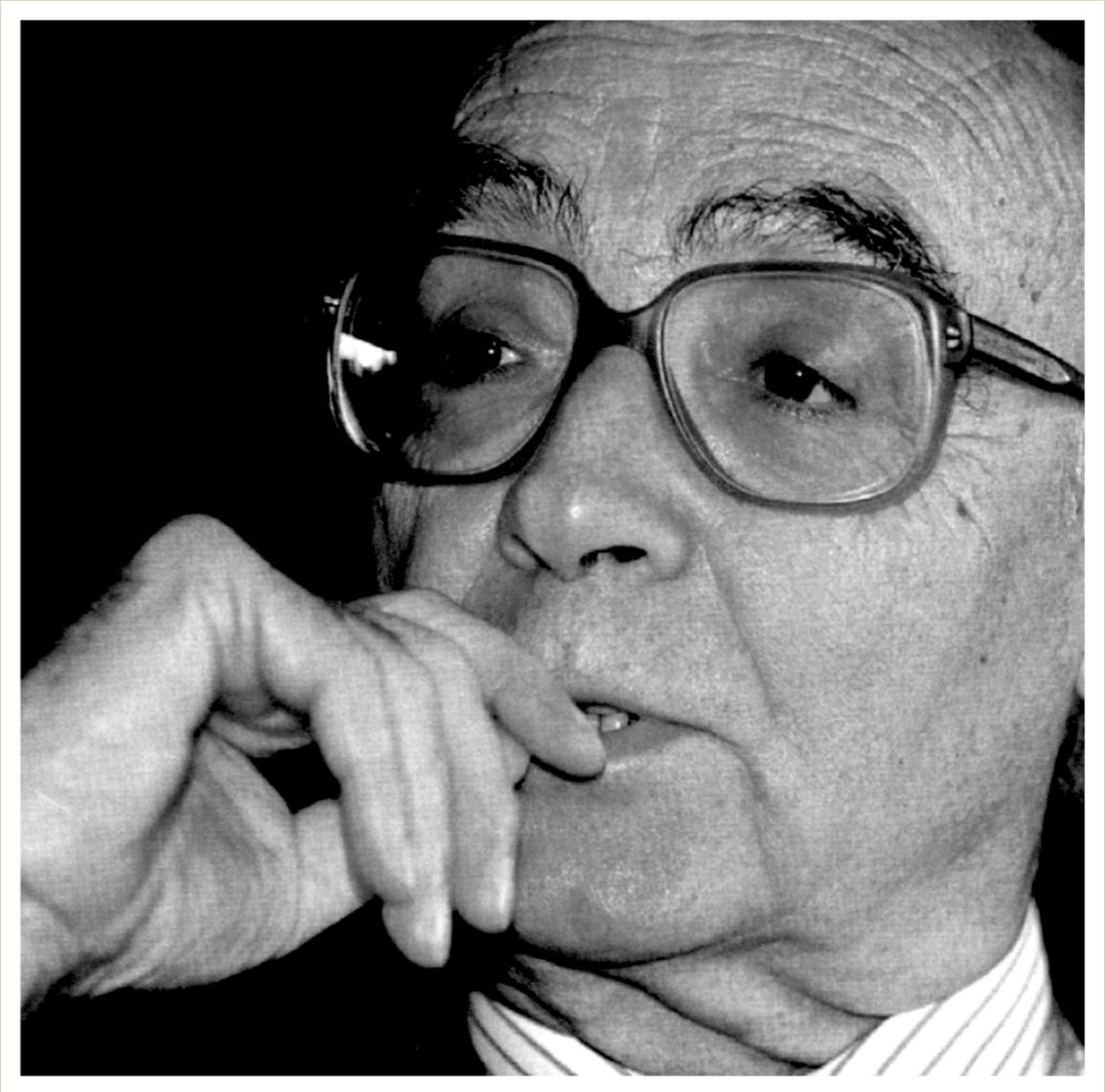
Uma bela manhã Portugal acordou e tinha, finalmente, o Nobel que anos após anos lhe era prometido e depois negado. E, no dia seguinte, o País esqueceu-se de tantas das ingratidões que infligiu a José Saramago e transformou-o no mais recente dos seus heróis. E mesmo quando o ouvimos dizer que “nenhuma vitória é definitiva”, ficamos com a certeza de que esta é.

Geralmente é assim: há uma entrevista, marcada e agendada como é natural que aconteça com todas as entrevistas, mas também uma conversa que lhe fica por cima, às vezes não muito por cima, apenas um pouco, outras definitivamente longe daquilo para que as perguntas e as respostas nos conduzem. Com José Saramago houve, portanto, a entrevista, inevitável e incontornável, mas houve sobretudo, em redor dela, uma conversa muito mais bonita porque existem ainda em Portugal pessoas que vale a pena ouvir falar, escutando-lhes atentamente a sabedoria que foram retirando do movimento rotativo da vida.

Como estas coisas têm regras, era a nós que cabia fazer as perguntas. Mas foi ele que foi levando as respostas por onde quis, com as perguntas a perderem, mais cedo ou mais tarde, o significado na sua pegada. De tal maneira que dava vontade de dizer como o padre Manuel Velho, na citação que abre o *Memorial do Convento*: “Yo no voy, este me lleba”.

E então ficou desta forma:

Ser o Prémio Nobel é mais ou menos como ser campeão do Mundo da Literatura?



Não acho que seja. Os campeões do Mundo correm, ou jogam, ou lutam uns contra os outros. Nos Prémios Nobel, sejam eles da literatura ou lá do que foram, não existe contacto físico nem exibição de dotes atléticos.

Mas há competição...

Nega de pronto, como se a sugestão lhe causasse desagrado:

Não, não há competição! Cada um está a fazer o seu trabalho. E ao fazê-lo não está em competição com A ou B e muito menos com

todos. É o resultado desse trabalho que é objeto da atenção de uma instituição, no caso a Academia Sueca. E, portanto, não se pode falar em... campeonato. Além disso também não está provado que nestas coisas de Nobel ganhe o melhor.

Como no desporto, aliás. Mas este ano não podemos dizer que não foi o melhor que ganhou...

Ri e interrompe:

Isso não é a mim que cabe julgar.

Se fizesse parte de um júri encarregado de galardoar o Prémio Nobel do Desporto, em quem votaria?

Transparecem-lhe as dúvidas. Rapidamente desfeitas:

Não conheço bem o desporto mundial, nem sequer o nosso, mas vamos colocar-nos no pequeno mundo português: tal como estão as coisas agora, eu dava o prémio à Manuela Machado.

Porque é que o desporto em geral e o futebol em particular têm sido incompatíveis com a literatura? Quer dizer, o desporto não é propriamente um tema literário, pois não?

Aqui entre nós, não é. Mas na América Latina é, e muito. Tem-se escrito, e muitíssimo bem, sobre o mundo do futebol.

Mas qual o porquê de esse fenómeno ser tão localizado?

Não sei como responder-lhe a essa pergunta. No caso da América Latina poderíamos atribuir isso à terrível paixão com que o jogo é vivido por lá.

Aparentemente, por aqui também há paixão...

E conclui, após uma pausa ligeira:

...mas talvez não haja.

Se calhar há apenas facciosismos...

Olhe, se calhar é isso mesmo.

Que me lembre, dos 94 Prémios Nobel da Literatura que o precederam, apenas um, Camilo José Cela, escreveu assumidamente em redor do desporto no seu Onze Contos de Futebol. Alguma vez lhe passaria pela cabeça escrever contos sobre futebol?

Não... Não. E a razão é simples: trata-se de um mundo que não conheço. Em princípio, quem escreve deve ter muito cuidado e não meter-se por assuntos que não domina. Da mesma maneira que não seria capaz de escrever um romance ou um conto em que o personagem principal fosse um presidente do conselho de administração de uma empresa multinacional, também não seria capaz de meter-me na pele de um dirigente de um clube de futebol ou de um jogador de futebol.

Mas há outros casos. Gente que não escreve sobre desporto mas que, ao longo dos seus livros, passa por lá. O Hugo Claus, por exemplo, como bom belga, não dispensa umas descrições sobre os sprints entre Vervaecke e Bartali; o próprio Vergílio Ferreira tem aquela história do ponta-esquerda a quem amputam uma perna e, na cama do hospital, continua a sonhar com o momento de marcar o penalti... Em Saramago nem isso acontece...

Até agora nunca me aconteceu...

O distanciamento entre si e o desporto é assim tão grande?



Bom, eu joguei ténis durante muitos anos, vivia na Parede e tinha acesso fácil aos *courts*. Nado, como qualquer pessoa nada, pratiquei um desporto menos que amadorístico, as mudanças da minha vida afastaram-me da prática desportiva. Mas distanciamento não posso dizer que haja. Sou dos que assistem aos espetáculos confortavelmente sentados frente à televisão. Gosto de ver umas modalidades bem menos que outras. O salto em comprimento, por exemplo, aborrece-me porque é excessivamente repetitivo. Mas aprecio as corridas. As corridas que não são de longa distância, porque essas são excessivamente táticas, deixando a resolução para as últimas voltas, dando vontade de perguntar para que é que se correram to-

das as voltas anteriores. O futebol tem o velho problema: ou é bem ou mal jogado.

Tal como os livros. Ou são bem ou mal escritos...

E, da mesma maneira que um livro mal escrito se torna entediante, também me sucede estar a ver um jogo de futebol e deixá-lo a meio. Além disso, o futebol de hoje tem uma coisa que não suporto e que é o jogo violento. Não o jogo violento no sentido... razoável. Não é preciso embrulhar os jogadores em algodão-em-rama. Mas existe uma violência, assente na crueldade, que não aceito. Que me incomoda.

Em Portugal, um mau jogador de futebol, para não dizer um péssimo jogador de futebol, pode ganhar a vida decentemente a fazer o que gosta. Um bom escritor arrisca-se a morrer de fome, se o tentar... Isso desgosta-o?

A resposta é imediata:

É, evidentemente, uma coisa que me desgosta muito. Como me desgosta outra situação que vem nessa linha: um escritor ganha um prémio, não precisa de ser um Nobel, bastam dois ou três mil contos, e é infalível que lhe saia ao caminho um jornalista a perguntar o que é que ele vai fazer ao dinheiro. Pergunta que nunca colocam a um jogador de futebol que ganha, numa temporada, quatro, cinco, seis vezes mais do que um escritor ganha durante a vida. Eu estava em Frankfurt, dei uma entrevista a uma cadeia de televisão, já não sei qual, e lá veio a pergunta: "E agora o que é que vai fazer a esse dinheiro?" Claro que podia ter respondido: "E o que é que o senhor tem a ver com isso?" Mas não, limitei-me a dizer-lhe: "Já perguntou isso alguma vez ao Ronaldo, ao Bebeto ou ao João Pinto?"

O Ronaldo, se calhar, não sabe mesmo o que fazer ao dinheiro...

Lá saberá. E, muito naturalmente, compra coisas que eu nunca compraria.

Para lá da vidraça há um céu claro, sem nuvens e sem pássaros. E uma Lisboa que fervilha, uma quinzena de andares abaixo: “Viajo devagar, o Tempo é este papel em que escrevo”, dizia Saramago nas páginas do seu Manual de Pintura e Caligrafia. Viajamos também devagar a todo o comprimento das estradas da conversa. Que ele conduz sem sobressaltos. Ele que não gosta de conduzir...

Já li, numa entrevista que deu, se não me engano ao Baptista-Bastos, que o futebol deixou de exercer em si qualquer atração. Qual foi o porquê da desilusão? Houve alguma razão especial para isso?

Não. Eu fui sócio do Benfica com os meus oito ou nove anos, Por influência do meu pai, claro está!, ele era um benfiquista ferrenho, no tempo do Estádio das Amoreiras, com aquelas bancadas e aquele peão de *terceiro mundo*. Mas depois as mudanças de vida levaram-me por outros caminhos. Não me apetecia estar a sair de casa para ver um jogo. Nunca fui suficientemente entusiasta para andar de bandeira e cachecol e toda essa parafernália que fez com que o espetáculo se tenha deslocado do campo para as bancadas. O que, aliás, está de acordo com os atuais costumes do Mundo. Além do mais desagradei-me...

Interrompe-se. Muda de ideias e decide-se pela inflexão do discurso:

Também não quero estar aqui com a conversa saudosista do “antigamente é que era bom”. Mas a verdade é que, nessa época, o jogador tinha o seu clube, e clube e jogador estavam *pegados* um ao outro. A camisola era uma coisa respeitável. Quase como uma outra bandeira. E o Benfica viveu o orgulho de só ter jogadores portugueses...

Num tempo não muito distante.

E agora o que é que acontece? Caiu-se num exagero. Onde estão hoje o Benfica, o Sporting, o F.C.Porto? O futebol não passa de um negócio. Desapareceu uma certa solidariedade de grupo. Isso fez-me desinteressar pelo futebol, mas também é certo que nunca fui um grande aficionado.

No dia em que a Academia tornou público o seu nome como vencedor do Nobel, um dos seus amigos de infância, quando lhe pediram para recordar alguma coisa de si, disse simplesmente: “Foi o primeiro miúdo do nosso tempo a ter uma bola de cauchu...”

Faz um gesto como para impedir-nos de continuar:

Você sabe que a nossa memória é a coisa mais suspeita que se possa imaginar. Ela é capaz de inventar coisas que não existiram e passar a acreditar nelas. Até acontece que eu nunca tive uma bola de cauchu. Lembra-me bem de andar por lá a dar os meus pontapés mas a bola não era minha.

O poeta T. S. Eliot, por acaso também ele Nobel lá pelos idos de 48, dizia que “o futebol é um elemento fundamental da cultura contemporânea”. Que comentário lhe merece esta frase?

Mexe-se na cadeira e sorri:

O comentário que essa frase me merece é o de que nem sempre os poetas têm razão.

E continua, bem-disposto:

Essas coisas são sempre muito pessoais. E nada pior do que as citações dos escritores. Primeiro, porque correspondem a uma ideia pessoal; depois, porque as formulam como se fossem ideias univer-



sais. O futebol converteu-se num espetáculo e já nada tem praticamente de desporto. Apenas isso.

Deixemos então as frases dos outros e passemos para uma frase sua, retirada de uma entrevista concedida ao Jornal de Letras: “O êxito e o fracasso são coisas que têm que ver com o temperamento”. Acha que os campeões, os vencedores, são assim, fabricados por eles próprios, mesmo contra as circunstâncias?

Às vezes as circunstâncias desfazem as pessoas. Mas também é certo que as circunstâncias nos ajudam em momentos fundamentais das nossas vidas. Eu tenho de dizer que fui obrigado a lutar contra

umas quantas circunstâncias. E, frequentemente, nem sequer estamos conscientes de que travamos uma batalha. Temos um objetivo e tentamos caminhar em direção a ele. E neste trabalho tão discreto que é de todos os dias acabamos por vencer essas circunstâncias sem que essa vitória se confunda com um grande acontecimento, pelo contrário, seja algo de absolutamente natural. Depois olhamos para trás e ficamos com a noção dos obstáculos que ultrapassámos.

Você é, neste momento, o rosto mais visível de um certo iberismo...

Eu não sou exatamente iberista...

É o autor do conceito do transiberismo, o que para a questão que lhe quero colocar vai dar ao mesmo. Quando se trata de um Campeonato do Mundo ou de uns Jogos Olímpicos, por quem torce: pelos portugueses, pelos ibéricos, pelos lusófonos?

Eu defendo que devemos sair deste pequeno quintal que é o nosso e pensarmos que estamos numa realidade maior que é a Península Ibérica. Mas também não é ficar por aí. Olhar para o outro lado do Atlântico, para a América, para a África. E esta recente cimeira Ibero-Americana fez-nos perceber que podemos esperar do futuro algumas coisas magníficas nesse domínio, logo veremos o quê. Quanto ao que me pergunta, enfim, eu continuo a ter uma forte costela patriótica. Agora se são, por exemplo, espanhóis a defrontar alemães, eu fico do lado dos espanhóis, naturalmente. O que também não significa muito, porque prefiro sempre aqueles que fazem o seu trabalho bem feito. E se uma boa equipa alemã joga com uma boa equipa portuguesa, vejo por vezes a minha preferência cair para aquele que está a jogar melhor, independentemente do patriotismo. Com uma exceção, em todo o caso: quando um pequeno joga com um muito grande, mesmo que jogue mal estou a favor do pequeno.

“Sou tão pessimista que acho que a Humanidade não tem remédio. Vamos de desastre em desastre e não aprendemos com os erros.” Quem escreve desta forma viveu obrigatoriamente um sem-número de desilusões. E, no entanto, o seu rosto pacificado, tranquilo, desmente-as. Fala por vezes baixo, devagar, como que para si próprio. Mas as suas frases nunca perdem a fluência, apesar das pausas que sugerem os pontos parágrafos que não comparecem ao encontro das suas prosas.

Quando fala dos portugueses e da “sua capacidade de esperar que não é mais do que um desejo de adiar” não está, de algum modo, a explicar a razão da escassez dos nossos êxitos?

Talvez sim. Porque um dos nossos males é a dificuldade de metermos as mãos à obra. Quando decidimos que é preciso fazer alguma coisa – vamos pôr de parte acontecimentos excecionais como a Expo-98, que esses concentram os objetivos de toda a gente e, portanto, fazem-se, refiro-me ao trabalho do dia a dia – andamos demasiado. Alimentamos a ideia “se não temos hoje, amanhã haveremos de ter”. E se assim não fosse, talvez tivéssemos muitas coisas hoje. Não quero com isto dizer que devemos cair na obsessão de fazer tudo o possível no imediato. O *dolce farniente* tem os seus encantos, mas infelizmente tornou-se um mal nacional. E esta espécie de resignação marcou-nos muito. Com o tempo, as coisas mudaram. Nos dias de hoje vivemos um frenesim de nos comportarmos como se comportam os outros, que faz com que tenhamos perdido uma forma muito própria de viver e caído no dilema de não saber o que imitar e quem imitar. Andamos à procura de um modelo...

O que é estranho num povo antigo como o nosso.

Sim. O que é estranho num povo que vai para nove séculos de História. Parece-me que já deveríamos ter encontrado uma forma de

sermos suficientemente independentes na descoberta dos nossos caminhos. Sujeitos a influências, claro está!, com uma certa permeabilidade, mas sem esta precipitação num processo de imitações sucessivas que me conduz à dúvida de não saber muito bem quem somos. E esse não é, como compreende, o caminho do sucesso.

Faz uma pausa, junta as pontas dos dedos, e conclui:

Tenho, sobretudo, esta sensação nada agradável de perceber que não temos um projeto nosso. Que povo é que nós temos? Ou já não temos nenhum? Estaremos prontos a diluir-nos em qualquer coisa? Para muitos de nós, o passado que temos não interessa. E quem não tem passado não tem presente. E muito provavelmente não tem futuro.

Os portugueses não sabem ganhar ou não sabem perder?

Acho que as duas situações são verificáveis. Não sabem ganhar porque cada vez que ganham passam logo a dizer que são os melhores. E não percebem que tudo isso é transitório. Não sabem perder porque vão logo à procura de justificações. Não querem aceitar-se a si mesmos na relatividade dos êxitos e dos fracassos. Acho que há uma regra de vida, que obviamente não imponho a ninguém mas que guardo para mim: as vitórias e as derrotas são idênticas numa coisa: nem uma nem outra são definitivas. Era assim que deveríamos encará-las., tanto na vida como no desporto.

E usa um exemplo para reforçar a sua teoria:

Não faz sentido vivermos ainda hoje do êxito de um terceiro lugar no Mundial de 1996. Como também não faz sentido encararmos os momentos em que as coisas não nos correm bem como momentos de humilhação. Tenho a impressão de que dramatizamos isso por não sermos capazes de nos aperceber do real sentido dramático da

existência noutras áreas. Quando lhe disse que atribuiria o Nobel do Desporto à Manuela Machado é porque encontro na sua competição com os outros a luta real que ela tem consigo própria. E isso causa-me a maior das admirações e dos respetos. Quem luta contra os seus próprios limites é para mim um exemplo. Porque acho que toda a gente sabe mais do que imagina, e este saber de que falo não é o saber que se aprende nas escolas e pode mais do que imagina. Precisa é de exteriorizar aquilo que sabe mesmo que julgue que o que sabe não tem importância.

O José Saramago também foi, à sua maneira, um maratonista.

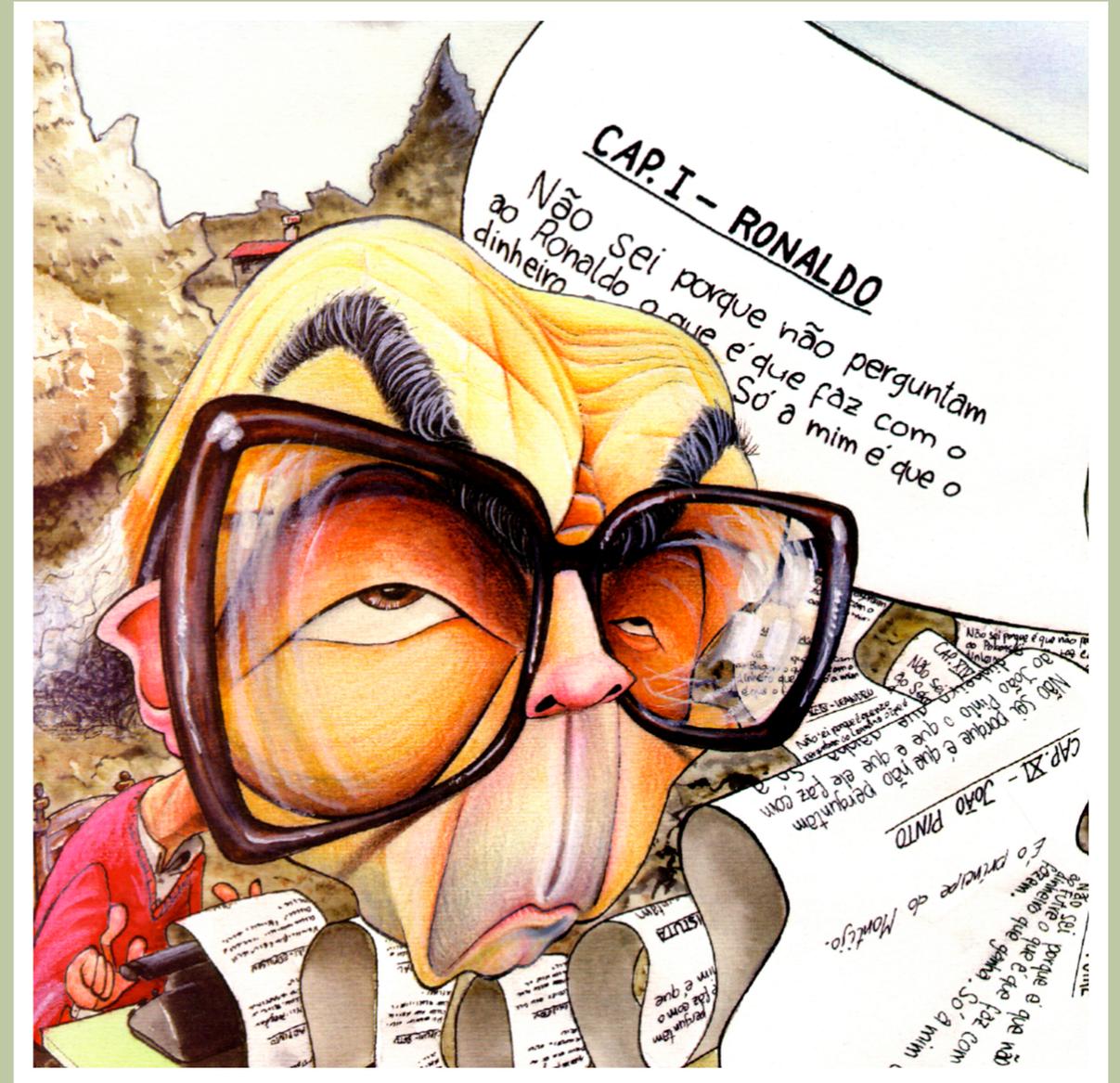
Talvez.

E de novo um sorriso desenha-se-lhe no rosto:

Porque vivi muito... e eu costumo dizer que se tivesse morrido aos 60 anos não teria ganho os prémios que ganhei. E porque fui trabalhando e fazendo as coisas em que acreditava. Claro que o Nobel não era um objetivo. O objetivo foi sempre o livro seguinte, sem saber onde é que eles me levariam. Tentando fazer continuamente melhor. Estamos no caminho e só quando chegamos ao fim dele é que fazemos uma pausa para pensar no que é que aconteceu. O António Machado dizia e com razão: "No hay camino, se hace camino al andar". O caminho faz-se a andar.

Como as conversas.

Texto: Afonso de Melo
Fotos: Carla Carriço



Caderno de viagem a Lanzarote

13 de junho de 2011

08:00 Acordámos. É hoje. Chega o dia de cumprir o propósito da viagem. Estou meia nervosa, expectante e feliz. Hoje vamos conhecer a casa do José Saramago: A CASA. Só “A CASA”, como ele dizia.

A viagem foi um presente, uma dádiva pelos 30 anos da mãe oferecida pelos avós. Quando a casa foi aberta ao público, em março, nove meses depois da morte de Saramago, a mãe escreveu uma crónica no JL sobre isso. Chamava-se mesmo “A CASA”. Os avós leram o texto e decidiram o presente. Não podia ter sido mais na *mouche*. Uma verdadeira surpresa. Do coração.

Rumámos a Tías, a pequena aldeia onde viviam Saramago e Pilar. Depois de algumas voltas – estavam ruas cortadas por causa do enterro de alguém importante – e de perguntarmos a algumas pessoas o caminho (incluindo uma portuguesa, que vinha a subir a ladeira que nós descíamos, e que, chorando, nos disse ter acabado de sair d’A Casa e ficado extremamente comovida com a visita) chegámos.

O muro é branco, o portão verde. À esquerda, cinco azulejos: A CASA. Tenho que tirar uma fotografia. Temos sorte. Somos só nós na visita e o nosso guia Henrique – amigo de Saramago e Pilar que, cansado do negócio de auto-caravanas turísticas que tinha em Madrid, deixou tudo e disse ‘sim’ quando Pilar lhe perguntou se queria ficar – deixa-nos fazer tudo com calma. Descemos uma rampa pequena. Abre-se a porta e a comoção vence-me. Não que estivéssemos em luta. Deixo algumas lágrimas escorregarem. Estou em casa do Saramago. Estamos os três. O Miguel olha para todo o lado e está muito silencioso. Acho que percebe a emoção da mãe.



“Ali está a secretária, as fotografias, os livros. Tudo.”



“Há coisas que devem permanecer como as deixaram os que nelas viveram.”



“À entrada [da Biblioteca], uma oliveira plantada pelo escritor.”

No chão da entrada um retângulo enorme. De pedra preta. O basalto de que é feita a ilha. “Foi Saramago que o quis pôr aí. ‘Quando conheces as pedras de um lugar, conheces o seu povo’”, explica-nos Henrique, que deve ser Enrique.

Avançamos para o escritório. Reconheço-lhe os cantos das entrevistas que li e sobretudo do filme *José e Pilar*, do Miguel Gonçalves Mendes. Ali está a secretária, as fotografias, os livros. Tudo. E a música. Das últimas que Saramago terá ouvido. Toco, ao de leve, na secretária, mas não me atrevo a teclar o computador. Há coisas que devem permanecer como as deixaram os que nelas viveram. Foi ali que muito foi escrito. E o primeiro na ilha, *Ensaio Sobre a Cegueira*, nasceu ali, naquele escritório, onde eu fui, onde nós fomos.

Enrique indica-nos o caminho do corredor de onde só é possível ver o quarto. Pequenino, acolhedor. Cama branca, colcha branca, lençóis de linho. E foi dali que ele partiu. O silêncio impõe-se. Saio.

Rumamos a uma sala que cheira a conversas boas, a sofás confortáveis, a quadros de amigos. Sala onde a vista sobre o verde e o mar inspira os melhores romances. “O meu melhor quadro é a minha janela”, assim o disse Saramago. Reparámos, entre risos surpreendidos, que ao canto da mesa da televisão está a série completa de *The West Wing*, de que nós tanto gostámos...

Abre-se uma porta. Um rosto quase jovem, mas visto mais de perto não tanto assim, saúda-nos. É Pastora. Foi cozinheira, empregada, amiga de Saramago e de Pilar. Deixa-nos passar para a cozinha, a verdadeira sala da casa. “Se esta mesa falasse”, atira Enrique. É meio-dia e um quarto. O Miguel dá sinal... tem fome. Pergunto se lhe posso dar o almoço. “Claro qué si!” E é assim que, de alguma maneira, almoçamos com Saramago.



“À esquerda, cinco azulejos:A CASA.”



“No chão da entrada um retângulo enorme. De pedra preta.”



Um dos relógios d’A Casa, parado às 4 horas

A vista para o jardim com árvores plantadas por ele (todas de folha caduca, para mal do jardineiro retilho...sussurra Enrique) é só suplantada pelo mar ao fundo.

Depois do Miguel comer (lindamente, como de costume) é a vez da mãe tomar um café. “Saramago convidava toda a gente a entrar, por isso oferecemos um café a todos os visitantes”, disse Pilar quando se inaugurou A Casa há três meses. A Delta patrocina e é assim que bebo um delicioso café, português, no balcão do nosso Nobel. Há presentes que marcam uma vida.

Camões – o cão de 16 anos, nomeado a partir do Prémio – está manco e quase cego. Acompanha-nos quando descemos para o jardim. Ao longe vejo a pedra: A PEDRA. Aquela sob cuja orientação nasceu A Casa. Aquela que marca o lugar de onde Saramago olhava a ilha. Toquei-lhe. Não me sentei na cadeira, mas do chão colhi uma folha de romãzeira. Olhei para o mar, o mesmo mar de Saramago e, mais uma vez, senti o privilégio de estar ali. O Miguel está no carrinho, empurrado pelo pai que me sorri. E me percebe.

Saímos pelo portão do jardim. Em frente, está a Biblioteca José Saramago. À entrada, uma oliveira plantada pelo escritor. Apanho do chão outra folha. A Biblioteca são todos os livros de José e Pilar, catalogados, todos para consulta. É um espaço amplo, luminoso, feliz, como todos os lugares reservados aos livros.

Sento-me no sofá onde Saramago se senta no filme. “A tua mãe é um pouco louca, verdade!”, diz Enrique ao Miguel, que solta uma das suas inconfundíveis gargalhadas. Também rio. Saímos. O Miguel precisa de trocar a fralda e é o primeiro bebé a estrear o muda fraldas da Biblioteca. Espetáculo!!!

A visita não fica completa sem a visita à “tienda”. Ali compro o discurso do Nobel e um guia d’A Casa. É tempo de partir. “Sentir, sa-

ber, que nunca nos deixou”. Tenho a certeza. Despedimo-nos de Enrique. Da oliveira. Mas não de Saramago.

Francisca Cunha Rêgo

Excerto do caderno de viagem sobre Lanzarote que escrevi para guardar as memórias da primeira viagem do meu filho Miguel, então com 10 meses.



“Ao longe vejo a pedra:A PEDRA.Aquela sob cuja orientação nasceu A Casa.Aquela que marca o lugar de onde Saramago olhava a ilha.Toquei-lhe. Não me sentei na cadeira, mas do chão colhi uma folha de romãzeira.”

Agenda

William Blake

Retrospectiva da obra de William Blake organizada em parceria com a Tate Britain. Caixa Forum Madrid. Até 21 de Outubro, em Madrid (Espanha).

Biblioteca Nacional de España – Otras miradas

Até 23 de Setembro, a BNE celebra os seus trezentos anos com uma exposição que circulará por outras bibliotecas de Espanha (Bilbao, Corunha, Valladolid e Zaragoza são algumas das cidades incluídas no trajecto).

<http://www.bne.es/es/AreaPrensa/noticias/ExposicionOtrasMiradas2Fase.html>

90 Anos Depois: A Semana de Arte Moderna

Exposição comemorativa da Semana de 1922. Até 29 de Julho, no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo (Brasil).

<http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/br/exposicoes/2846-obras-de-icone-do-movimento-modernista-brasileiro-em-exposicao-comemorativa>

O Novo Ofício/ The New Trade

Exposição de trabalhos artísticos realizados por músicos como John Cage, Erik Satie ou Sei Miguel, entre outros. Até 26 de Agosto, no Museu Berardo, em Lisboa (Portugal).

<http://thenewtrade.museuberardo.pt/>

Festival Escrita na Paisagem – Festival de Performance e Artes da Terra 2012

9ª edição do festival dedicada ao tema 'cosmopolíticas'. Até 31 Agosto, em Évora (Portugal).

<http://www.escritanapaisagem.net/>

VII Festival de Teatro do Cazenga

Centro de animação artística do Cazenga, em Luanda (Angola). Até 22 de Julho.

<http://www.verangola.net/Eventos/Festival-de-Teatro-do-Cazenga=0066>

Curtocircuito na Rua

Projecção de curtas-metragens galegas e de outras origens. 2 Agosto, na Praça do Toural, em Santiago de Compostela (Galiza).

<http://www.compostelacapitalcultural.org/detalles/15072/eventos.html>

Música no Palacio Noel

Ciclo de música de câmara no Palacio Noel, em Buenos Aires (Argentina). Sextas, sábados e domingos, às 19h, até 31 de Julho.

http://www.comedianacional.com.uy/mvdcms/uc_481_1.html

La Orestíada, de Ésquilo

Até 29 de Julho, no Teatro Solís, em Montevideo (Uruguai)

http://www.comedianacional.com.uy/mvdcms/uc_481_1.html

Centenário do nascimento de Jorge Amado, Fundação José Saramago, Casa dos Bicos

Leituras, música e uma exposição na celebração do nascimento de Jorge Amado.

10 de agosto de 2012, 17 horas.

<http://www.josesaramago.org>

Mecal Aire 2012

Festival de cinema de curtas-metragens. Até ao fim de Setembro, no Poble Espanyol, em Barcelona.

<http://www.butxaca.com/ca/cine/altra-cartellera/details/mecal-air/72642>

BLIMUNDA

